

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

BEATRIZ PEREIRA

Os impactos do turismo de massa na vida cotidiana: Um estudo de caso sobre Praia Grande – SP

The impacts of mass tourism on everyday life: A case study of Praia Grande – SP

São Paulo

2021

BEATRIZ PEREIRA

Os impactos do turismo de massa na vida cotidiana: Um estudo de caso sobre Praia Grande – SP

Trabalho de Graduação Integrado (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientador: Prof. Dr. Rita de Cássia Ariza da Cruz

São Paulo
2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Pereira, Beatriz
P436i Os impactos do turismo de massa na vida cotidiana:
Um estudo de caso sobre Praia Grande - SP / Beatriz
Pereira; orientadora Rita de Cássia Ariza da Cruz -
São Paulo, 2021.
75 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual) - Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia.

1. Turismo de massa. 2. Vida Cotidiana. 3. Cultura
de Veraneio. 4. Praia Grande. I. Cruz, Rita de Cássia
Ariza da, orient. II. Título.

Dedico este trabalho à minha mãe, meu anjo
da guarda, meu amor eterno!

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Rita de Cássia Ariza Cruz, pela professora que é! Agradeço do fundo da minha alma pelos ensinamentos, orientação, paciência, cuidado e delicadeza, especialmente durante este ano.

Ao Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, por tudo que aprendi neste lugar, pessoas que conheci e transformações que eu vivi.

Ao meu pai, meu melhor amigo! Obrigada pelo apoio incondicional e por acreditar tanto em mim. Te amo, te amo e te amo.

Aos meus irmãos, Gu, Helo e Du, por todo o carinho e amor que recebo na minha caminhada.

Ao Mateus, o melhor presente que a Geografia me trouxe. Não sei contar minha trajetória durante esses anos sem contar sobre você, obrigada!

Ao Giovanne, por todo o suporte, paciência, carinho e amor. Obrigada também por todos os encontros na rampa, almoços, jantas, conversas e companhia!

À Ana Paula, meu encontro de alma. Muito obrigada por estar comigo ao longo desta jornada, em especial, neste último ano... Você bem sabe como foi difícil. Te amo, amiga!

Ao Thiago Franco, meu querido amigo da vida! Obrigada pelo apoio durante esses dez anos de amizade, obrigada por ser meu ombro amigo, por me ouvir, por me aguentar, por ser quem é.

Aos amigos Susan, Jurandyr, Samuel, Henrique, Thalles e William, obrigada pela companhia e amizade nesses anos. Agradeço também a todos que fizeram parte da minha vida durante esse tempo de graduação e que contribuíram de alguma forma para a minha formação. Não esquecerei, jamais.

As palavras me escondem sem cuidado.
Aonde eu não estou as palavras me acham.

(BARROS, Manuel de, 1996)

RESUMO

PEREIRA, Beatriz. **Os impactos do turismo de massa na vida cotidiana:** Um estudo de caso sobre Praia Grande – SP. 2021. 75 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

O presente trabalho tem como proposta analisar os impactos do turismo de massa no lugar e na vida cotidiana dos residentes do município de Praia Grande, São Paulo. A área de estudo é um dos destinos mais procurados do Brasil pelos turistas durante o período de férias de verão, feriados e finais de semana. O turismo de massa aliado ao processo de valorização das paisagens litorâneas, exposto através da "Cultura de Veraneio" e do fenômeno de segundas residências, promovem a consolidação do valor de troca a partir da ideia de espaço como mercadoria, baseada na efemeridade. Por outro lado, o valor de uso das atividades que envolvem a vida cotidiana é construído a partir da prática habitual e de reprodutividade que indicam uma relação intensa do residente com o lugar. Assim, o estudo busca compreender de que forma este conflito é materializado no cotidiano dos moradores locais, a partir do estudo do processo de urbanização de Praia Grande, de bibliografias referentes ao turismo de massa, vida cotidiana, dados públicos sobre o município e levantamento de informações realizado através de uma pesquisa qualitativa com os moradores locais. O trabalho revela, portanto, que o turismo de massa atinge todas as esferas da vida cotidiana dos moradores, a depender do local em que se habita.

Palavras-chave: Turismo de massa. Vida cotidiana. Cultura de Veraneio. Praia Grande.

ABSTRACT

PEREIRA, Beatriz. **The impacts of mass tourism on everyday life:** A study case of Praia Grande – SP. 2021. 75 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

The purpose of this present work is the analysis of the impacts of mass tourism in the place and the daily life of residents of the city of Praia Grande, São Paulo. This study area is one of the most sought-after destinations in Brazil by tourists during the summer vacation, holidays, and weekends. Mass tourism combined with the process of enhancement of the coastal landscapes, exposed through the "Summer Culture" and the phenomenon of second residences, promote a consolidation of use value based on the idea of space as a commodity, based on ephemerality. On the other hand, the use-value of activities that involves daily life is built from the usual practice and reproducibility that indicates an intense relationship between the resident and the place. Thus, this study seeks to understand how this conflict is materialized in the daily lives of local residents, from the study of the urbanization process of Praia Grande, from bibliographies referring to mass tourism, everyday life, public data on the municipality, and survey of information carried out through qualitative research with the residents. The research reveals, therefore, that mass tourism affects all spheres of the daily life of residents, depending on the place where they live.

Keywords: Mass tourism. Everyday Life. Summer Culture. Praia Grande.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização da Área de Estudo.	Erro! Indicador não definido.
Figura 2 - Adensamento de construções dentre áreas mais distantes da orla, 2005 e 2021. À esquerda, uma imagem de 2005. À direita, 2021.	44

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Mapa da Área Urbanizada do município de Praia Grande – 2015.	43
Mapa 2 - Rendimento nominal médio mensal das pessoas responsáveis por domicílios particulares permanentes, segundo Setores Censitários do município de Praia Grande – SP.	45
Mapa 3 - Mapa de densidade demográfica (Habitantes por hectare) segundo Setores Censitários do município de Praia Grande – SP.	47

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Comparação do Valor Adicionado por setor econômico no município de Praia Grande.	41
Gráfico 2 - % de domicílios particulares permanentes (DPP) de Praia Grande – SP.	51
Gráfico 3 - Impacto nos serviços de infraestrutura urbana.	54
Gráfico 4 - Aumento no tráfego e circulação de pessoas.	54
Gráfico 5 - Preferência por evitar algum tipo de transporte.	55
Gráfico 6 - Preferência por utilizar serviço de carro particular privado.	55
Gráfico 7 - Preferência por optar utilizar os serviços em horários e dias da semana diferenciados.	56
Gráfico 8 - Percepção no aumento do tipo de poluição.	57
Gráfico 9 - Preferência por evitar frequentar espaços de lazer por conta do aumento da violência urbana.	57
Gráfico 10 - Percepção dos moradores locais sobre a relação dos turistas.	58
Gráfico 11 - Satisfação do entrevistado em relação à cidade durante o período de alta temporada.	59

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Evolução da população residente de Praia Grande.	39
Tabela 2 - Taxa de crescimento populacional médio anual do município de Praia Grande.	39
Tabela 3 - Comparação do PIB e PIB per capita estimados do município de Praia Grande.	40
Tabela 4 - Ranking dos municípios com maior número absoluto de DPUO.	48
Tabela 5 - Comparação de imóveis lançados para a venda dos municípios da Baixada Santista.	
	50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGEM	Agência Metropolitana da Baixada Santista
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
CEM	Centro de Estudos da Metrópole
DNIT	Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes
DPP	Domicílio Particular Permanente
DPUO	Domicílios Permanentes de Uso Ocasional
Embratur	Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo
OMT	Organização Mundial do Turismo
RMBS	Região Metropolitana da Baixada Santista
RMBS	Região Metropolitana da Baixada Santista
SEADE	Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados
Secovi-SP	Sindicato das Empresas de Compra, Venda, Locação e Administração de Imóveis Residenciais e Comerciais de São Paulo
PIB.	Produto Interno Bruto
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
PROCEDIMENTOS DE PESQUISA	17
1 TURISMO DE MASSA E CULTURA DE VERANEIO	19
1.1 ORIGEM E CONSOLIDAÇÃO DO TURISMO	19
<i>1.1.1 Entendendo conceitos do Turismo</i>	19
1.2 O TURISMO DE MASSA	21
<i>1.2.1 Sazonalidade do turismo de massa</i>	22
1.3 A PRAIA COMO ATRATIVO TURÍSTICO	23
<i>1.3.1 Breve histórico: a praia como território do vazio</i>	24
1.4 TURISMO E PRAIA NO CONTEXTO BRASILEIRO	25
<i>1.4.1 A institucionalização do turismo no contexto brasileiro</i>	25
<i>1.4.2 A construção do imaginário da praia como espaço de recreação no contexto brasileiro</i>	26
1.5 CULTURA DE VERANEIO	28
2 A VIDA COTIDIANA E O TURISMO	30
2.1 A VIDA COTIDIANA SEGUNDO LEFEBVRE	30
2.2 A VIDA COTIDIANA E O LUGAR	32
2.3 A VIDA COTIDIANA E O TURISMO LITORÂNEO	34
3 O ESTUDO DE CASO: PRAIA GRANDE	36
3.1 CONTEXTO HISTÓRICO	36
<i>3.1.1 Formação Histórica: o processo de ocupação</i>	36
<i>3.1.2 Processo de urbanização do município – A partir da década de 50.</i>	38
3.2 CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA	40
<i>3.2.1 Dados socioeconômicos</i>	40
<i>3.2.2 Características socioeconômicas da população e suas imbricações espaciais</i>	41
3.3 IMPACTOS DO TURISMO SOBRE A PRODUÇÃO DO ESPAÇO LITORÂNEO	48
<i>3.3.1 Dados sobre os domicílios particulares de uso ocasional – DPUO</i>	48
<i>3.3.2 Cultura de Colônia de Férias</i>	49

<i>3.3.3 Dados do SECOVI-SP e tipos de domicílio</i>	49
3.4 A CULTURA DE VERANEIO E SEUS IMPACTOS SOBRE A VIDA COTIDIANA EM PRAIA GRANDE	
<i> 3.4.1 Impactos reportados na vida cotidiana</i>	53
<i> 3.4.2 Considerações parciais</i>	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	64
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA	67

INTRODUÇÃO

Com a intensificação da atividade turística ao longo do século XX, deu-se origem ao chamado “turismo de massa”, resultante de um conjunto de fatores, como o processo de conquista dos direitos dos trabalhadores (férias remuneradas e folgas), e os progressos materiais nos meios de transporte (BOYER, 2003). Ao longo deste século, o turismo de massa foi consolidado como uma prática transformadora de uma realidade social devido à mobilização dos diversos setores econômicos que o envolve, transformando-se em uma das principais atividades econômicas dinamizadoras do fluxo de capital.

A controvérsia resultante das transformações sociais causadas pela atividade turística é dada tanto na dimensão formal, identificada pelas instituições públicas e privadas, quanto no aspecto da vida em comum, marcada pelas relações sociais que envolvem os sujeitos.

O lugar considerado turístico é transformado de acordo, principalmente, com os interesses de agentes de mercado, especialmente do mercado imobiliário e do setor público. Pois temos, a partir das iniciativas de políticas públicas atuantes em conjunto com o setor imobiliário, a produção sistematizada do uso turístico.

Sendo assim, este movimento faz com que o espaço geográfico adquira um valor de troca que não dialoga necessariamente com o valor de uso experimentado pela população local. Como exemplifica Marx (2008, p. 52), o valor de uso está articulado à sociedade, tendo o conteúdo valorizado a partir das necessidades sociais, ainda que não tenha expressão das relações sociais de produção no valor de uso. Por outro lado, temos expressado no valor de troca, uma relação quantitativa que é criada a partir da abstração do trabalho geral, com o aniquilamento das individualidades do trabalhador, que relaciona quantidade de trabalho e produção. Em consequência, temos o processo de valorização de determinados lugares em detrimento de outros, independentemente do valor utilitário do espaço para determinado grupo social.

Na medida em que a atração de fluxo de capital orientada aos espaços turísticos é estabelecida, os efeitos conflitantes desse processo são sinalizados principalmente pelos sujeitos que compartilham o espaço, os turistas e moradores locais, através de suas relações sociais, pelo uso e apropriação do próprio espaço.

O presente estudo busca compreender quais são esses efeitos e de que forma eles são sentidos por habitantes do lugar a partir de um estudo de caso do município de Praia Grande, São Paulo.

Anterior à prática do turismo na sociedade capitalista, o ato de viajar caminhou paralelamente à história da humanidade. A partir disso, quando este movimento de deslocamento de pessoas é direcionado a um determinado espaço geográfico habitado, isto é, vivido, há o encontro no sentido material entre os agentes que vivenciam o lugar e quem está ali somente de passagem.

Para além do contraste entre os sujeitos que viajam e os moradores locais, faz-se necessário distinguir a viagem do turismo, compreendendo-se a viagem como ato de deslocamento, ir de um lugar a outro e presente ao longo da história, como é o caso do nomadismo, das civilizações antigas e da Idade Média. O turismo, por sua vez, é um fenômeno pós-revolução industrial, que transformou o caráter das viagens e que possui um fim em si mesmo (AMBRÓZIO, 2005). Desta forma, o turismo consolidou-se com uma configuração intrínseca à lógica capitalista, isto é, não houve somente a mercantilização das viagens, mas os próprios lugares tornaram-se mercadorias.

O desdobramento da relação social dada a partir do encontro entre os sujeitos desta história – moradores e turistas – é consequência direta do modo pelo qual ambos percebem o espaço, percepção a qual está relacionada e restrita, para alguns, ao consumo do espaço. Isto resulta da lógica capitalista que envolve o turismo como atividade econômica que transforma o espaço geográfico em objeto de consumo. Deste modo, o deslocamento do indivíduo ao lugar turístico envolve a mobilização de diversos setores econômicos como as redes hoteleiras, de serviços e transporte.

Por outro lado, essa lógica é contraditória à vida comum, pois enquanto ela é produtora da cotidianidade, as relações de produção e sociais envolvidas entre os indivíduos e o lugar que habitam não são decorrentes da prática capitalista em sua totalidade. Ela é transcendida na medida em que é a partir do cotidiano que há a construção lenta das relações de subjetividades que envolvem as paixões humanas, ou seja, relações que fogem à mecanização da vida.

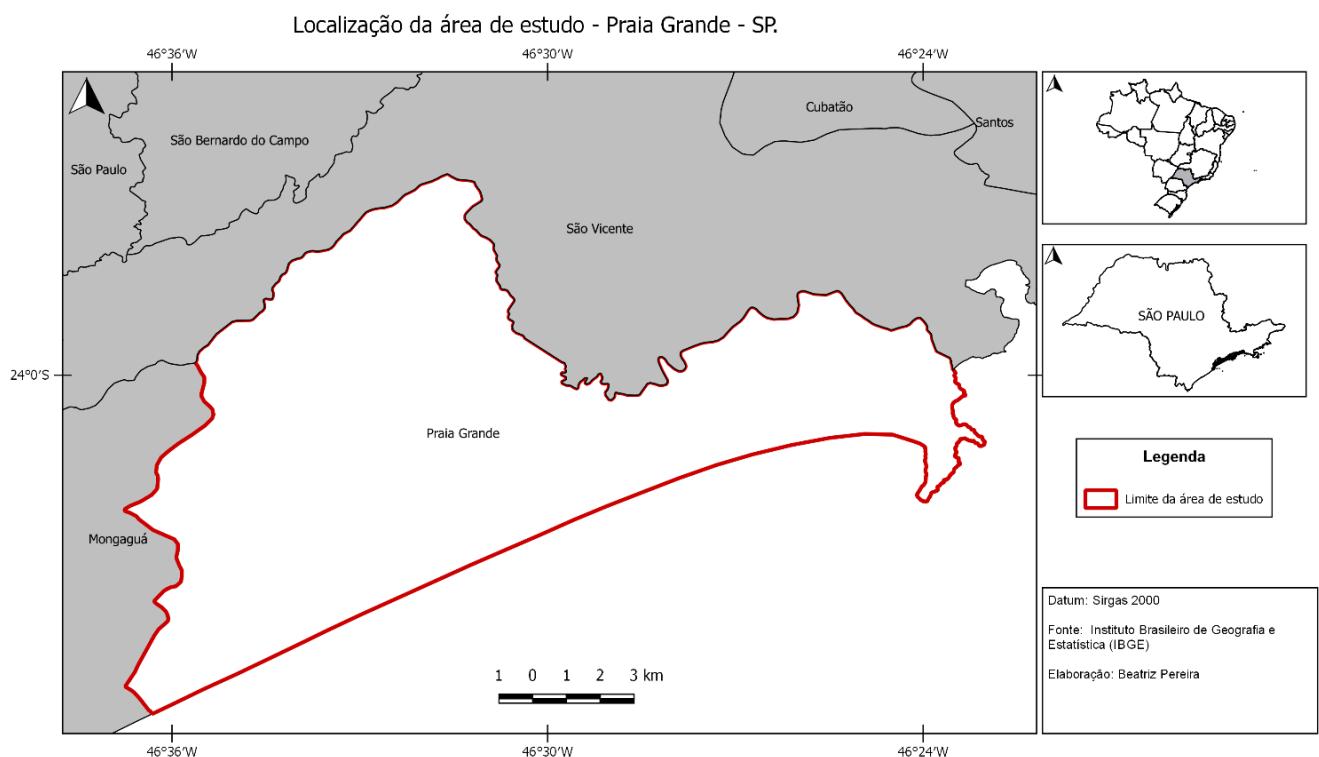
Nesse sentido cabe o questionamento: “O que ocorre quando o cotidiano da vida se choca com o aspecto mercadológico decorrente da presença do visitante temporário?”.

O objetivo geral que norteou esta pesquisa foi analisar o impacto do turismo de massa na vida cotidiana dos moradores locais do município de Praia Grande de modo a desenvolver uma reflexão acerca do caráter contraditório existente na produção dos lugares turísticos.

O município de Praia Grande é localizado na Região Metropolitana da Baixada Santista, Litoral Sul do Estado de São Paulo (Figura 1). Segundo o censo do Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) a população daquele ano era de 262.061. Atualmente, o município possui uma população estimada em 330.845 habitantes (IBGE, 2020) e possui uma distância de 55 km em linha reta da cidade de São Paulo e uma distância, por meio rodoviário, de 76 km da capital paulista.

Figura 1 - Localização da Área de Estudo.



Fonte: Elaboração própria (2021).

De acordo com o jornal santista *A Tribuna* (2017), o município é estimado como o 4º maior destino turístico do Brasil durante a temporada de verão, atrás apenas de São Paulo, Rio de Janeiro e Florianópolis e, durante a alta temporada, o município recebe um contingente de pessoas cerca de 5 vezes maior que a população fixa, com estimativa de 1,86 milhão de turistas.

A cidade de Praia Grande localiza-se geograficamente entre unidades morfológicas, a Serra do Mar, caracterizada pelo embasamento cristalino antigo, e a Planície litorânea brasileira, formada por sedimentos mais recentes do período quaternário (SOUZA; CUNHA, 2012). A distribuição populacional se dá basicamente ao longo da planície litorânea, e

conforme há o crescimento populacional, há o avanço em direção da Serra do Mar pela classe mais popular.

Procedimentos de pesquisa

Para a realização deste trabalho de graduação foi feito um levantamento bibliográfico e documental acerca da história de ocupação do município, para compreender o contexto o qual a cidade de Praia Grande está inserida. Autores como Eduardo Bueno, Cintia Maria Afonso e Carlos Zündt foram fundamentais para este primeiro passo.

A leitura de autores como Henri Lefebvre (1991), Celso Castro (2013), Marc Boyer, Ana Fani A. Carlos (1993), Milton Santos (2006), Alain Corbin (1989), Rita de Cássia Ariza da Cruz (2003) e Ulpiano Meneses (1996) foi essencial para compor o aparato teórico-metodológico desta pesquisa. Em especial Lefebvre pela leitura de “A vida cotidiana no mundo moderno” (1991) e Celso Castro, pela leitura do livro “História do turismo no Brasil”, lançado em 2013.

Posteriormente, foram produzidos mapas que revelam a área urbanizada de Praia Grande, a densidade demográfica distribuída pelo município e a renda média dos responsáveis por domicílio segundo os setores censitários. A elaboração dos mapas foi de autoria própria, com a utilização do *software* QGIS 3.14, utilizado para a visualização, edição, análise de dados georreferenciados e construção dos *layouts*.

Os dados socioeconômicos como Produto Interno Bruno (PIB), PIB per capita, valor adicional por setor econômico e taxa de crescimento populacional anual de Praia Grande utilizados estão disponíveis na plataforma da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE). Para o levantamento de informações acerca dos dados populacionais do município de Praia Grande e da Região Metropolitana da Baixada Santista, foram utilizados os dados dos Censo Demográfico dos anos de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010 disponibilizados pelo IBGE.

Para a construção do *ranking* com os municípios do Estado de São Paulo com o maior percentual de Domicílios Permanentes de Uso Ocasional (DPUO) em relação ao total de domicílios foi utilizada a tabela “Domicílios recenseados, por espécie, segundo as Unidades da Federação e os municípios” disponível na plataforma do Censo Demográfico de 2010 do IBGE. Para a construção da tabela de imóveis lançados na Região Metropolitana da Baixada Santista foram utilizados os relatórios do Estudo do Mercado Imobiliário da Baixada Santista, de 2012 a 2020, disponibilizados no *site* do Sindicato das Empresas de Compra,

Venda, Locação e Administração de Imóveis Residenciais e Comerciais de São Paulo (SECOVI-SP).

A base cartográfica utilizada para a elaboração dos mapas teve como fonte o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT), o DataGeo e o Centro de Estudos da Metrópole (CEM).

Para a espacialização dos dados no QGIS, foram produzidos arquivos do tipo *csv*, com os dados do Censo Demográfico de 2010 disponibilizado pelo IBGE. Para a composição dos mapas foi realizada uma junção de tabelas, do arquivo *csv* com o arquivo *shapefile* da Região Metropolitana da Baixada Santista, este último disponível na plataforma.

Inicialmente, o projeto tinha como proposta a realização de um trabalho de campo durante o período de alta temporada no município, para compreender melhor a dinâmica socioespacial nesta época. A ideia era entrevistar moradores locais e turistas, contudo, o contexto pandêmico que vivemos inviabilizou a realização do trabalho de campo.

Como alternativa, foi aplicado um questionário remotamente, no mês de fevereiro de 2021. A pesquisa qualitativa foi elaborada para realizar o levantamento de informações sobre o impacto do turismo sobre a vida cotidiana durante a alta temporada no município de Praia Grande – SP. O público-alvo foram os moradores locais, de todas as faixas-etárias. Isto foi feito por meio da elaboração de um questionário, com perguntas focadas e respostas baseadas em uma graduação de “muito forte” a “muito fraco”, conforme exemplo a seguir:

“Durante a alta temporada, há alguma mudança no fornecimento de algum dos serviços listados a seguir: Abastecimento/Fornecimento de água; Fornecimento de energia elétrica; Serviços de comunicação? (0. nulo; 1. muito pouco; 2. pouco; 3. moderado; 4. alto; 5. muito alto).”

As perguntas realizadas visaram questionar os impactos da atividade turística nas diferentes esferas da vida cotidiana dos moradores locais, tais como em relação à infraestrutura urbana, mobilidade e deslocamento na cidade, serviços, lazer, violência urbana, poluição e emprego.

O formulário foi aplicado de maneira remota, elaborado e disponibilizado através do aplicativo Formulários, da empresa *Google* e obteve a participação de trinta e um residentes do município. As respostas foram coletadas a partir da divulgação do *link* de acesso ao questionário em redes sociais como o *Instagram* e o *Facebook*.

1 Turismo de Massa e Cultura de Veraneio

1.1 Origem e consolidação do turismo

A considerar as divergências que permeiam os conceitos englobados pela ciência geográfica, a discussão acerca da definição do termo “turismo” é uma confusão recorrente no interior da geografia do turismo.

Uma das centralidades temáticas dos debates corresponde à própria origem do fenômeno, tendo, de um lado, estudiosos que apontam sua fonte como um anseio inerente à natureza humana, e de outro, os que argumentam que sua origem é resultante da sociedade moderna, uma invenção social muito mais próxima do nosso contexto histórico.

Segundo Henriques (1996, p.26) há indícios que endossam a narrativa de que o fenômeno turístico teria acompanhado o ser humano ao longo de sua trajetória histórica. À exemplo, temos as expedições do período da Idade Média, com os jovens fidalgos viajantes, e também no período da Europa setentista, com o “*Grand Tour*” - considerado como um marco e inspiração do turismo como o conhecemos hoje.

Em contrapartida, temos autores que argumentam que este fenômeno é mais recente, com surgimento no século XIX. Para Castelli (2001, p.16) "A viagem turística atual é uma decorrência da sociedade industrial que provocou uma concentração de pessoas em cidades, de tal sorte que a fuga desse meio ambiente se tornou até mesmo uma questão de sobrevivência [...]".

Com base nesta perspectiva, o turismo como prática surge a partir das revoluções burguesas do século XIX, com a constituição do Estado liberal, advento de uma sociedade pós-industrial e o surgimento de uma sociedade de consumo, elementos estes fundamentais para compor o escopo do desenvolvimento do turismo como prática. Afinal, é somente a partir do século XIX que a proletarização e a noção de viagem por lazer são difundidas entre as classes populares (MAGALHÃES, 2016). Nas palavras do autor: “É a divisão do trabalho capitalista, aliada às novas tecnologias então desenvolvidas, que dará condições para o surgimento desta prática, seu desenvolvimento e sua consolidação” (MAGALHÃES, 2016, p. 5).

1.1.1 Entendendo conceitos do Turismo

Mas então qual seria a definição de turismo? A concepção de turismo é variada e dinâmica, isto é, não há um postulado verdadeiro conceituando o termo. Há, na realidade,

diversas perspectivas de análise e entendimento que variam conforme o contexto histórico-social.

Segundo os autores Hall e Lew o turismo é “uma forma de mobilidade humana voluntária associada ao movimento temporário de pessoas de seu ambiente doméstico habitual e posterior retorno”¹.

Já pela definição de Knafo e Stock, o turismo é “[...] um sistema de atores, de práticas e de espaços que participam da recreação (tempo 'livre') dos indivíduos pelo deslocamento temporário longe dos lugares do cotidiano”².

As definições dos autores são bem próximas, pois envolvem os elementos fundamentais do turismo: deslocamento temporário e fuga do cotidiano. Contudo, para a definição de Knafo e Stock, eles incluíram o sentido de recreação como motivação para a realização da prática.

Por outro lado, segundo as Recomendações Internacionais da Organização Mundial de Turismo/Nações Unidas sobre Estatísticas de Turismo (IRTS 2008, p. 09-10), a Organização conceitua alguns termos-chave para compreender a concepção do turismo enquanto a diferencia da concepção de viagem.

Para a Organização Mundial do Turismo (OMT), a viagem refere-se à atividade dos viajantes e o viajante é a pessoa a qual desloca-se entre duas localizações geográficas por qualquer motivação e duração. Enquanto o turismo é definido como um subconjunto da viagem e os visitantes como um subconjunto dos viajantes. Visitante, aqui, é definido como o viajante que realiza uma viagem para um destino fora de seu ambiente comum, por menos de um ano, com qualquer motivação que não seja para ser empregado por uma entidade residente no país e/ou lugar visitado.

A explicação oficial da OMT não é elucidativa, viagem e turismo se confundem e, por consequência, as controvérsias que compõem o fenômeno turístico são ampliadas, pois qualquer tipo de viagem temporária pode ser enquadrada como turismo. Tal ocorrência possivelmente é dada pois, segundo a definição oficial, todo viajante pode ser considerado um turista em potencial (CRUZ, 2001).

Em contrapartida, de acordo com Cruz (2000, p. 5) “o turismo, entendemos, é, antes de mais nada, uma prática social, que envolve o deslocamento de pessoas pelo território e que

¹ No original lê-se: “*a form of voluntary human mobility associated with the temporary movement of persons from their usual home environment and subsequent return*” (Hall; Lew, 2009, p. 41).

² No original lê-se: “[...] un système d'aceurs, de pratiques et d'espaces qui participent de la “recréation des individus par le déplacement temporaire hors des lieux du quotidien” (Knafo; Stock, 2003, p. 931).

tem no espaço geográfico seu principal objeto de consumo". Em decorrência desta interpretação, a partir do momento que o espaço se configura como objeto de consumo/mercadoria desta prática social, ela também deve ser compreendida como uma atividade econômica.

1.2 O turismo de massa

O surgimento do chamado turismo de massa tem suas raízes na primeira metade do século XIX, em um contexto histórico de consolidação do Bem-Estar Social europeu nas sociedades ocidentais, o qual trouxe direitos e conquistas trabalhistas às classes mais populares (BOYER, 2003). Esta configuração promoveu o acesso das classes de menor poder aquisitivo aos costumes e práticas que antes eram realizados e destinados somente a uma elite burguesa.

Panazzollo (2005) enquanto faz uma reflexão acerca da origem do turismo de massa, aponta os fatores que permitiram que o turismo de massa fosse consolidado como é hoje, principalmente no período pós Segunda Guerra Mundial, momento em que houve transformações econômicas e culturais nas sociedades globais que tornaram possível o aumento significativo do fluxo de capital e pessoas.

Nesse sentido, a autora aponta que o turismo de massa difere do conceito de turismo por estar relacionado ao deslocamento de um elevado contingente de pessoas a um determinado local, isto é, para este tipo de turismo, considera-se a quantidade de pessoas que se dirigem a um lugar específico.

Contudo, ainda que este tipo de turismo mobilize um número elevado de pessoas que viajam, ele não expressa necessariamente a quantidade de viajantes que se deslocam para algum lugar. Isto é, não é categorizado em termos absolutos. Pois a expressão não possui o sentido de "turismo das massas", se considerarmos, por exemplo, que a grande parte da população mundial não possui os recursos financeiros para realizar esta prática ou não possui tempo livre no sentido capitalista do conceito. Deste modo, o fenômeno é excludente e somente uma pequena parte da população tem as condições imateriais e materiais necessárias para usufruir desta atividade econômica e prática social (CRUZ, 2003, p. 6).

O advento do turismo de massa é dado em um período de transformações socioculturais pautadas nos ideais burgueses, com o intuito de promover a internacionalização do capital. Dentro os elementos transformadores, temos a popularização/propagação dos meios de transporte e dos meios de comunicação. Neste contexto, há o surgimento da

chamada cultura de massa, que então influenciaria os diversos aspectos da sociedade como um todo, como na arte, lazer, educação e no próprio turismo (BRANCO; MAGALHÃES, 2005). Como argumenta Daibert:

As narrativas que determinam a natureza turística de um lugar muitas vezes são construídas pelos meios de comunicação de massa. Segundo Boyer “as diversas mídias tecem elogios aos lugares turísticos, às atrações, levam a descobrir países distantes. (...) O cinema, a televisão, a publicidade atualmente fazem um número cada vez maior de pessoas partir... (DAIBERT, 2013, p. 102).

A indústria cultural, portanto, influencia significativamente o direcionamento dos fluxos de capital e pessoas, com a função de sustentar os preceitos da ideologia burguesa. Segundo essa perspectiva, o turismo de massa é compreendido como uma construção do capitalismo que contribui para a garantia dos ideais liberais de democracia, cidadania e liberdade (BRANCO; MAGALHÃES, 2005).

1.2.1 Sazonalidade do turismo de massa

Enquanto discutem os conceitos de migração, turismo e mobilidade com o objetivo de compor uma fundamentação teórica que compreenda o turismo como mobilidade sazonal, Coriolano e Fernandes (2012) afirmam que "[...] turismo é mobilidade, pois supõe deslocamento. As mobilidades turísticas são temporárias ou sazonais" (Coriolano; Fernandes, 2012, p. 6). Portanto, o turismo é composto fundamentalmente de um deslocamento temporário.

Esse deslocamento sazonal intrínseco ao fenômeno turístico permite entender que a mudança de localização temporária dos consumidores, impulsionada pela atividade turística, reflete na organização socioespacial de um determinado lugar, principalmente no que se refere à economia local, promovendo, assim, um aumento dos fluxos de capital e pessoas durante determinados períodos do ano, como finais de semana, feriados e férias de verão, por exemplo.

Compreendemos, pois, dois tipos de sazonalidades: a de demanda e de oferta. Como forma de superar o caráter sazonal do turismo, Albuquerque (2004) pontua:

[...] Sazonalidade é consequência do turismo de massa, o que caracteriza a atividade turística nas regiões litorâneas. Existem dois tipos de sazonalidade: a de demanda e a da oferta. Contra a primeira pode-se lutar por meio de medidas para evitar estas grandes concentrações de veraneio e repartir a demanda no decorrer do ano. Tais medidas podem ser: incentivar os trabalhadores a tirar férias em períodos fora do verão, oferecendo preços mais atraentes, promoção do turismo social ou de outros tipos de turismo que não estejam condicionados ao clima. A sazonalidade da oferta (dos recursos

naturais) é mais difícil de superar, visto que não se pode lutar contra o clima. Certas medidas poderão minimizar o problema, como a criação de novos produtos que não tenham o clima como fator determinante. (ALBUQUERQUE, 2004, p. 34).

Como exemplo da concentração geográfica do deslocamento de pessoas destinados às cidades litorâneas é comum o congestionamento das rodovias em direção à Baixada Santista. Como alternativa para mitigar os efeitos do fluxo de carros em direção à região, o sistema de rodovias que funciona normalmente no sentido 4x4 (quatro faixas para subir o planalto, quatro para descer pela rodovia em direção a Baixada), é comumente alterado em início de feriados para o sistema 7x1 (7 vias em direção à região e somente 1 sentido São Paulo). À exemplo, no feriado de fim de ano de 2018, esse sistema 7x1 foi aplicado a fim de evitar maiores congestionamentos (G1 Santos, 2018). Situação comum de ser vista durante as épocas de veraneio.

Apesar da pandemia, Praia Grande ainda se destacou como um dos principais municípios procurados em épocas de feriado. Segundo uma projeção destacada pelo G1 Santos (2020), o Litoral de São Paulo poderia receber até 640 mil veículos no fim do ano, número muito próximo do que foi registrado no ano anterior à pandemia (691.413 veículos).

De acordo com uma reportagem da Revista Piauí (2021), a cidade de Praia Grande teve um aumento de 700% no fluxo de pessoas no Ano-Novo de 2021. Quando comparada ao carnaval de 2020, que teve um aumento de 168% na circulação de pessoas, temos que o movimento nas praias no fim de ano pandêmico foi cerca de 4 vezes maior do que o que foi registrado no carnaval pré-pandemia.

Assim, ainda durante as medidas de restrições, Praia Grande recebeu um fluxo muito elevado de pessoas. Isto nos ajuda a entender, portanto, a importância de estudar os impactos causados pelo turismo de massa em cidades receptoras desta prática, os quais podem ser compreendidos em se considerando a tensão entre apropriação do espaço pela atividade turística, por um lado, e pela vida cotidiana de outro.

1.3 A praia como atrativo turístico

Ainda que o turismo no Brasil tenha se desenvolvido a partir do início do século XX, a paisagem costeira não era um atrativo para essa prática. Em mapas antigos de guias de viagens datados da década de 1920, por exemplo, a zona central do Rio de Janeiro era destacada como atração turística, com estátuas, monumentos e edifícios destacados e as praias

nem eram representadas como atrações turísticas, diferentemente do que é visto atualmente (MEDEIROS; MAGALHÃES, 2013).

A orla da praia, em um primeiro momento, era valorizada mais por sua beleza do que pelo banho do mar (PERROTTA, 2013, p. 49). O divertimento na estação balneária estava atrelado à infraestrutura balneária (presença de cassinos) para os turistas e o costume de banhar-se ainda não estava difundido na sociedade.

1.3.1 Breve histórico: a praia como território do vazio

Em sua obra intitulada “O território do vazio – A praia e o imaginário ocidental”, o autor francês Alain Corbin analisa como o imaginário da praia foi moldado ao longo da história humana, para compreender as mudanças de perspectivas acerca da paisagem litorânea, descrevendo, assim, a relação entre o ser humano e mar ao longo dos tempos.

Corbin (1989) destaca que a imagem do mar em narrativas pré-ocidentais e até ocidentais (anterior à segunda metade do século XVIII) era atrelada aos mitos que indicavam o mar como um abismo em que habitavam misteriosas criaturas marinhas, sendo considerado um lugar inóspito.

A interpretação bíblica na formação de um imaginário sobre o mar foi a visão dominante até meados do século XVIII. A partir da literatura religiosa, com destaque à passagem do dilúvio, houve uma construção de uma narrativa sobre o mar, o qual era vinculado ao sentimento de medo, caos e estranheza (Corbin, 1989).

Corbin descreve que a atribuição negativa perante a imagem do mar perdurou durante séculos. Esta narrativa era presente, por exemplo, ao longo do período clássico, da Idade Média, e até da história moderna. Existia certa repulsa frente ao oceano, pois ele era uma lembrança das tragédias e catástrofes advindas do mar, como a trajetória marítima da peste negra, saqueadores de naufrágios, bandidos, contrabandistas etc.

Entretanto, o mar como contemplação já se anunciaava no século XVIII, com escritos e estudos de Thomas Burnet, por exemplo. Esta paisagem como referência de admiração e lugar de desfruto foi valorizada por poetas da época, fato o qual já sinalizava uma mudança de perspectiva que teria na Instituição da Igreja Católica o seu aval (CORBIN, 1989).

Assim, a Igreja passou a promover a praia e o mar como obras divinas passíveis de exaltação, em um contexto do final do século XVIII, com a institucionalização de correntes de pensamentos eclesiásticos que valorizavam toda e qualquer criação de Deus (CORBIN, 1989).

Nesta época, por exemplo, o litoral já era buscado como lugar de alívio à vida moderna (ENKE, 2017).

Quanto ao banho-de-mar, ao longo do século XVIII, um novo olhar sob o mar foi desenvolvido, e esta prática era recomendada por médicos da época como solução ou tratamento de doenças como a melancolia. Era considerado um banho terapêutico, pois, segundo os higienistas e médicos, o mar possuía propriedades físico-químicas eficazes no tratamento. No século XIX, o banho-de-mar era recomendado para tratar outros males e doenças, como para tratar crianças raquíticas, alinhar o ciclo menstrual, tratar neuroses e etc. (CORBIN, 1989).

Faz-se necessário mencionar que a invenção da praia que tratamos aqui é para a visão da cultura ocidental europeia. O banho-de-mar não foi inventado, pois, durante o século XVIII, a exemplo, populações que viveram em períodos anteriores a este já possuíam esse hábito, como povos que viviam em regiões insulares e pescadores (CORBIN, 1999). A discussão que cabe, portanto, é a de que estes costumes foram cooptados pela cultura europeia, para compor um modo de conduta e admiração pela praia, ao longo da história para ser difundido socialmente na cultura ocidental posteriormente (RAMOS, 2009).

Como trata Boyer (2003), o turismo também teve um papel fundamental na história a respeito das transformações e mudanças de nossos olhares direcionados às figuras paisagísticas, ao mar, às montanhas e aos valores. A transmissão destes valores foi pautada nas heranças de práticas elitistas, a partir do jogo de invenção de lugares turísticos, imitação destas práticas pelas camadas mais populares e sua difusão pela sociedade.

1.4 Turismo e Praia no contexto brasileiro

O processo histórico-social de consolidação do turismo de massa no território brasileiro está alinhado ao desenvolvimento desse fenômeno no contexto mundial, em paralelo ao processo de reinvenção do espaço praiano como um espaço de lazer.

1.4.1 A institucionalização do turismo no contexto brasileiro

Ao longo da década de 1920 a trajetória para a construção da ideia do turismo como um “negócio” já vinha sendo traçada na cidade do Rio de Janeiro, cidade considerada a vitrine do Brasil para o mundo, período em que houve um massivo investimento em construções de

hotéis turísticos, agências de viagens e órgãos oficiais para promover a prática turística, como a criação da Sociedade Brasileira de Turismo, em 1923 (MEDEIROS; CASTRO, 2013, p.14).

Porém, é somente na década de 1950 que o turismo institucionalizado se iniciou efetivamente, com a criação de órgãos e instituições estatais e municipais, como a fundação dos órgãos municipais de turismo das prefeituras de Belo Horizonte, Recife e Salvador, e também com a criação da Combratur, criada em 1958. (MÜLLER et. al, 2011).

Sobre a importância que o turismo adquire a partir desta década em países da periferia do capital, os autores argumentam:

Os anos 1960 tiveram seu início marcado por uma ampla discussão em nível internacional acerca do papel a ser desempenhado pelo turismo como propulsor do desenvolvimento das economias ditas periféricas. Vale lembrar que as Nações Unidas, na conferência de 1963 sobre viagens e turismo internacional, chegaram a recomendar explicitamente que países mais pobres atentassem para o valor do turismo como meio de desenvolvimento (MEDEIROS; CASTRO, 2013, p.19).

Assim, com o intuito de impulsionar as atividades turísticas de forma sistemática, aliada a um planejamento governamental, o governo militar criou em 1966 a Empresa Brasileira de Turismo, atual Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (Embratur), a qual direcionou ao Estado a responsabilidade das ações de planejamento para desenvolver o turismo como uma atividade econômica.

1.4.2 A construção do imaginário da praia como espaço de recreação no contexto brasileiro

Durante o processo de colonização brasileiro, códigos de conduta eurocentristas foram importados para o nosso território. Ao longo do final do século XIX, a construção de uma malha férrea foi essencial para facilitar o acesso às praias, mas é somente durante o século XX que a prática de tomar banho de mar e contemplação/divertimento das praias serão consolidadas na sociedade como um todo. Um outro elemento essencial para compreender o processo de valorização da paisagem litorânea é o fenômeno da especulação imobiliária direcionado à orla brasileira (embora não apenas), o qual foi se consolidando durante o século XX, tendo sido iniciado no balneário carioca e distribuído à toda orla brasileira (RAMOS, 2009).

Enquanto o imaginário social referente à admiração da praia foi consolidado, primeiramente por uma elite, construções e obras no final do século XVIII e início do século XIX começaram a ser edificadas não mais de costas para o mar, como de costume e sim,

viradas para ele, para sua contemplação. Isto marcou fundamentalmente uma mudança da concepção estética dos balneários, que passou a ser valorizada também por uma pequena burguesia e, finalmente, às classes populares (RAMOS, 2009).

Ao longo do século XIX, as praias eram vistas como um espaço de distinção social, a partir da relação que foi desenvolvida entre as elites europeias, a praia e o mar. Nesse sentido, o banho de mar e a valorização da paisagem litorânea, com o desejo de estadias à beira-mar, surgiram associadas a um comportamento burguês, como uma prática elitista de distinção social, a qual posteriormente foi difundida dentre as classes sociais (MACHADO, 2000).

É durante o século XIX que já se percebe uma ruptura na forma de uso e apropriação da paisagem, que já era destino de recreação. Sendo mais próxima da ideia de praia que conhecemos na contemporaneidade, como um espaço de fruição e lazer. Sobre a construção do imaginário coletivo da praia como lugar de recreação, Christovão (2013) explica:

A ideia da praia como destinação turística começa a ser construída com mais clareza a partir do fim da II Guerra Mundial. Ao analisar esse processo nas produções cinematográficas sobre a cidade do Rio de Janeiro no período, Celso Castro afirma haver uma maior valorização dos aspectos naturais, bem como exploração de personagens populares e da sua sensualidade: “isso coincide com um processo histórico mais amplo que levou ao culto ao corpo, ao banho de mar e ao bronzeado, o que fez com que as cidades com praias – dentre elas o Rio – se tornassem destinações turísticas importantes (CHRISTOVÃO, 2013, p. 115)

Machado (2000) argumenta que a ideia de praia como um espaço de prazer surge no século XX, em paralelo à valorização dos elementos "quentes" da natureza, proporcionando um contato mais frequente com o mar, o sol e a areia, o qual conduziu, como exemplo, a uma mudança nos horários de frequentar a praia, que anteriormente era frequentada pelas manhãs (horários mais frios).

Na medida em que a praia passou a ser frequentada em horários que o calor era maior e o tempo de permanência nesse espaço aumentou significativamente, a ideia da praia como um espaço de convívio, lazer e de alegria foi sendo consolidada, enquanto assumia um caráter de "espaço público" (MACHADO, 2000).

Nesse sentido, para o caso brasileiro, o Rio de Janeiro teve um papel fundamental na formação do imaginário coletivo da imagem das estâncias balneárias como espaços recreativos, devido ao processo de transformação histórico-cultural aliado à propaganda da produção audiovisual que estava sendo consolidada no contexto histórico da segunda metade do século XX, que permitiu a divulgação da construção imagética social das praias. Sobre a disseminação deste processo pelo território nacional, Ramos argumenta:

A cultura de praia e o começo da produção dos espaços praiais no Brasil datam do século XIX e mais massivamente do século XX no Rio de Janeiro. O modelo se intensifica em grande parte da orla brasileira. A utilização ao longo do século XX vai aumentando. Todas as capitais dos estados litorâneos crescem abruptamente. As normas sociais de convívio à beira mar e os padrões construtivos repetem-se em larga escala. No ritmo observado, quase se homogeneiza o litoral brasileiro. Suas diferenças são marcadas menos pelo uso e ocupação, do que por suas feições naturais (RAMOS, p. 52).

Desta forma, ainda que haja especificidades atreladas às realidades de cada lugar, a ocupação e uso das regiões litorâneas brasileiras passou por um processo de homogeneização por todo o território do Brasil, em conjunto à consolidação da cultura de praia, enquanto esses espaços balneários foram moldados, sob o processo de concentração e centralização do capital em cidades maiores, próximas às cidades litorâneas, como no caso de São Paulo.

1.5 Cultura de Veraneio

A reinvenção social da praia como um espaço para o lazer e recreação constitui-se como base para o surgimento da "Cultura de Veraneio", a qual pode ser compreendida como o costume de passar o verão em um lugar que não seja o lugar em que se habita cotidianamente (CABIANCA; SOUZA, 2017).

Como consequência, a construção de uma função social dos espaços praianos no imaginário da população contemporânea está relacionada ao modo de percepção, isto é, a forma pela qual os indivíduos relacionam-se com a orla marítima, dialogando assim com o entendimento sobre a produção do espaço de matriz lefebvriana, pela qual o espaço social é um produto social.

Segundo o processo social de produção do espaço desenvolvido na teoria de Lefebvre, o espaço é fundamentalmente atado à realidade social. Tendo, pois, como ponto de partida a compreensão de que ele não possui um fim em si mesmo, ele é produzido socialmente (CANZI, TEIXEIRA, 2017).

Assim, a teoria de produção do espaço é baseada no conceito relacional de espaço e tempo, sendo o espaço a representação da simultaneidade, da ordem crônica da realidade social e, o tempo, como a ordem diacrônica, representando o processo histórico da produção social. Como resultado, o tempo e espaço configuram-se como aspectos das práticas sociais (SCHMID, 2012).

Portanto, a consolidação da cultura de veraneio é dada em um momento de formação de uma nova concepção do espaço litorâneo na contemporaneidade. Enquanto o processo de valorização da paisagem balneária foi moldado ao longo do século XX, a imagem da praia como um espaço de lazer foi também sendo construída em nossa sociedade.

Segundo Lefebvre:

O conceito de espaço social se desenvolve, portanto, ampliando-se. Ele se introduz no seio do conceito de produção e mesmo o invade; ele se torna o conteúdo, talvez essencial. Então, ele engendra um movimento dialético muito específico, que certamente não revoga a relação “produção-consumo” aplicada às coisas (os bens, as mercadorias, os objetos da troca), mas a modifica ampliando-a. Uma unidade se entrevê entre os níveis frequentemente separados da análise: as forças produtivas e seus componentes (natureza, trabalho, técnica, conhecimento), as estruturas (relações de propriedade), as superestruturas (as instituições e o próprio Estado) (LEFEBVRE, 2006, p. 128).

Nesse sentido, a produção de um espaço litorâneo envolve diferentes fatores que se relacionam entre si, ao mesmo tempo em que a reprodução desse espaço é dialeticamente realizada em diferentes dimensões da sociedade. Isto é, os esforços governamentais para promover melhor acessibilidade e conexão entre a região litorânea e o interior do país, por exemplo, são paralelamente acompanhados pela formação da cultura de veraneio no imaginário social, o qual envolve espaços específicos para lazer, trabalho e etc.

Assim, entre os resultados desse processo encontra-se uma forma de ocupação e apropriação do espaço em que há uma permanência temporária das pessoas direcionadas às estâncias balneárias, a qual influencia significativamente o desenvolvimento de municípios litorâneos que são integrados neste contexto histórico-social, formalizando o crescimento de uma cultura de veraneio e imputando, pois, uma vocação turística a estes espaços (CANZI, TEIXEIRA, 2017).

2 A vida cotidiana e o turismo

2.1 A vida cotidiana segundo Lefebvre

A princípio, o cotidiano pode ser percebido através de sua trivialidade, composta por repetições de "gestos no trabalho e fora do trabalho, movimentos mecânicos (das mãos e do corpo, assim como de peças e de dispositivos, rotação, vaivéns), horas, dias, semanas, meses, anos; repetições lineares e repetições cíclicas, tempo da natureza e tempo da racionalidade etc." (LEFEBVRE, 1991, p. 24).

Porém, o estudo da vida cotidiana revela as contradições e conflitos entre o racional e irracional de um contexto inserido em determinados tempo e espaço, determinando, portanto, "o lugar em que se formulam os problemas concretos da produção em sentido amplo: a maneira como é produzida a existência social dos seres humanos[...]" (LEFEBVRE, 1991, p. 30).

Além disso, os componentes da vida cotidiana diferenciam-se de acordo não somente com os lugares, mas também conforme as camadas sociais. Isto significa dizer que há uma importância em situar a análise em um determinado tempo e espaço. Pois as formas, funções e estruturas desses componentes não são dissociados (LEFEBVRE, 1991). Portanto, compreendemos a vida cotidiana como uma dimensão característica de uma determinada sociedade.

Neste contexto, as fadigas da vida moderna trazem uma valorização e necessidade da distração e divertimento, caracterizando o lazer como um fator essencial para a análise da vida cotidiana. Lefebvre (1991) comprehende o tempo como composto por essencialmente três momentos, o tempo obrigatório (do trabalho), o tempo livre (dos lazeres) e o tempo imposto (tempo fora do trabalho, tempo das formalidades, idas e vindas).

Lefebvre aponta para um florescimento dos valores ligados ao lazer no século XX. Nesse contexto, o lazer seria vivido como uma ruptura momentânea com e para o cotidiano, e não é mais visto mais como uma recompensa ao labor ou atividade que existe para si mesma. Ele se transformou no espetáculo generalizado: o da televisão, cinema e turismo.

Aqui, o poder das instituições é exercido no cotidiano de acordo com as imposições que dialogam, exemplificam e representam as estratégias de interesses do Estado. Ou seja, há o esforço para que as organizações constituam o próprio cotidiano, enquanto as atividades e organismos públicos, instituições etc., trabalham de modo aparentemente incoerente a estruturar a própria sociedade (LEFEBVRE, 1991).

Lefebvre argumenta que isto é possível pois toda a sociedade é explorada de maneira organizada, exploração a qual destitui os valores da classe operária e propaga a alienação, através do consumo principalmente. E é a partir da exploração pelo consumo que se é possível estruturar e organizar a vida cotidiana na sociedade burocrática de consumo dirigido.

A vida é fragmentada e cada fragmento é composto por uma racionalidade organizada por um conjunto de organizações e instituições. Nesse sentido, o trabalho, a vida familiar e o lazer são explorados de maneira racional e organizada (LEFEBVRE, 1991).

Com base em Lefebvre, afirmamos que a vida real é contraditória e há um confronto constante entre sujeitos e agentes, ainda que seja implícito. A partir do estudo da vida cotidiana, é possível revelar o "desejo" significante escondido sob os significados, pois o cotidiano, contraditoriamente, revela o que esconde. Deste modo, o conflito entre as forças políticas, formas sociais e relações de classe são constantes, ainda que não se revelem por si só.

Martins (2020) argumenta que, para Lefebvre, na sociedade de consumo, há a sobreposição dos processos reprodutivos - expressos na vida cotidiana -, sobre o processo histórico e social. Como consequência, a própria reprodução social leva à reprodução ampliada das contradições sociais.

Para complementar, não podemos negar os resíduos que escapam à apropriação das forças de poderes e dominação. Revelando, pois, a possibilidade de reprodução dos resíduos que fogem à lógica dominante pelo misto de temporalidades distintas que se projetam no tempo presente, através do desenvolvimento desigual da sociedade (MARTINS, 2020).

Enquanto estamos diante da construção da ideia de estabilidade a partir da exploração racionalizada do cotidiano por esferas de poder, também estamos diante da construção do efêmero, por essas mesmas forças, baseado na lógica de deterioração rápida das coisas (LEFEBVRE, 1991).

Os fundamentos do mal-estar da sociedade têm sua raiz justamente na estratégia de classe pois quem possui o poder de manipular os objetos tornando-os efêmeros, também possui o poder de manipular as motivações que se revelam como expressão social do desejo. Assim, as misturas entre satisfação, insatisfação e busca por seu próprio desejo do sujeito podem levar à saturação rápida e ao tédio. Nesse sentido, aspirar uma ruptura é uma tentativa de fuga do cotidiano pelo indivíduo. Segundo Lefebvre (1991):

O desejo, aspiração, ruptura e fuga são realizados através da organização do turismo, institucionalização, programação, miragens codificadas, colocação em movimento de vastas migrações controladas. Daí decorre a autodestruição do objeto e do objetivo: a cidade pitoresca, a região turística,

o museu desaparecem sob o afluxo dos consumidores, que acabam consumindo apenas a sua própria presença e a sua própria acumulação. (LEFEBVRE, 1991, p. 94)

Assim, observamos duas espécies de lazer que são estruturalmente opostas: o lazer que é integrado na vida cotidiana, como a partir da leitura de jornais, televisão etc., ou o lazer baseado na espera da partida, isto é, que exige uma ruptura e vontade de distanciamento da vida cotidiana, a partir de festas, férias e etc. E tais necessidade contribuem, pois, para a manutenção do próprio cotidiano.

2.2 A vida cotidiana e o lugar

Os caminhos teóricos metodológicos do saber geográfico são vastos, sendo conhecidos desde o pragmatismo da corrente positivista, a percepção da vertente fenomenológica até a dialética materialista da geografia crítica.

O entendimento do espaço como um produto social é resultante da perspectiva metodológica do materialismo dialético visto no conhecimento geográfico, em oposição à visão da Geografia Quantitativa. Para Carlos (1993):

O espaço agora é entendido como produto de um processo de relações reais que a sociedade estabelece com a natureza (primeira ou segunda). Nesse sentido, o espaço é humano não porque o homem o habita, mas porque o produz. Um produto desigual e contraditório à imagem e semelhança da sociedade que o produziu em seu processo de humanização/desumanização. (CARLOS, 1993, p. 134).

Com efeito, não tratamos de um espaço absoluto, abordamos, sobretudo, a dimensão espacial como inerente ao aspecto social. O lugar como palco de acontecimentos é superado na medida em que entendemos, portanto, que o processo de produção espacial é paralelo ao processo de desenvolvimento das relações sociais. Compreender a vida cotidiana como a esfera social em que as relações de produção são reproduzidas diante da associação em conjunto às dimensões econômica e política é fundamental para a análise proposta.

Segundo Damiani (1999, p. 162) o social não é inserido ou subjugado às outras esferas, ele é, na realidade, a efetiva mediação entre o político e o econômico, ainda que haja a interferência de uma dimensão sobre outra, podendo ocasionar no empobrecimento da vida social - quando submetida à vida privada. Tais dimensões não são limitantes das práticas sociais que fogem à lógica produtivista, tal como as relações de solidariedade, a subjetividade e as emoções dos indivíduos.

Nesse sentido, as relações sociais são fortificadas na vida social enquanto são produzidas no tempo lento e repetitivo do cotidiano. Santos (2006, p. 218) descreve ainda que o lugar revela uma relação dialética da política territorializada, pois, ao mesmo tempo em que a vida em comum é reproduzida, anunciada através da cooperação e espontaneidade da cultura popular, tem-se o confronto com a reprodução da lógica organizacional das instituições, dada no âmbito formal.

Considerando que o espaço é dado através de um conjunto composto por forças exercidas de relações e interações dos indivíduos com as virtualidades de valor desigual, o seu uso é disputado constantemente. O papel da proximidade faz-se essencial para compreender a vida cotidiana, pois conforme a proximidade de pessoas envolvidas no convívio é maior, mais intensa é a sociabilidade, de modo que a relação espacial seja interpretada como um princípio da coexistência da diversidade. É, portanto, através do convívio entre as pessoas e intensidade de suas inter-relações que o caminho para a criação de solidariedade, laços culturais e identidade é construído.

Na proximidade pautada na contiguidade física, temos a noção de vizinhança que surge com um papel fundamental para a produção da consciência, da afetividade e percepção global do mundo e dos indivíduos.

Como categoria de análise, a vida cotidiana expressa, de forma materialista, os componentes das relações sociais que são moldadas no espaço e tempo, pois a cotidianidade acontece no espaço, produto de relações sociais passadas e atuantes, e é nela que as relações intersubjetivas são reproduzidas. Assim, há no mundo uma coexistência que envolve as diversas realidades de espaço e tempo, isto é, o essencial não é dado de imediato, mas a existência é dada nos lugares, e envolve tempos externos e internos (escalas superiores e locais).

O lugar expressa as ideias de cooperação e conflito, as quais são a base da vida em comum. Nesta relação dialética, há o cotidiano compartido entre as pessoas, firmas e instituições que consequentemente leva ao confronto entre a organização das instituições e espontaneidade dos sujeitos. De modo que seja entendido como o cotidiano compartido.

2.3 A vida cotidiana e o turismo litorâneo

A valorização da paisagem litorânea e a construção da praia na qualidade de um espaço de lazer foram construídas como um valor cultural, isto é, um feito realizado ao longo do contexto histórico-social.

Os valores são inseridos na vida social a partir do domínio cultural. Segundo Meneses (1996), a cultura, por englobar aspectos materiais e não-materiais, está inserida na realidade empírica cotidiana:

[...] tais sentidos, ao invés de meras elucubrações mentais, são parte essencial das representações com as quais alimentamos e orientamos nossa prática (e vice-versa) e, lançando mão de suportes materiais e não-materiais, procuramos produzir inteligibilidade e reelaboramos simbolicamente as estruturas materiais de organização social, legitimando-as, reforçando-as, ou as contestando e transformando. Vê-se, pois que, antes que um refinamento ou sofisticação, a cultura é uma condição de produção e reprodução da sociedade. (MENESES, 1996, p.89).

Isto é, o potencial da cultura é transformador, pois devido à sua inserção na vida social, ela tem o poder de legitimar, reforçar, contestar ou até transformar aspectos materiais e não-materiais de modo a produzir e modificar estruturas de organização social, a partir da prática social, que é ditada pelos valores concebidos segundo o domínio cultural. Com efeito, a cultura revela-se como fundamental para a reprodução e produção da vida em sociedade.

Considerando a importância da cultura para a prática das atividades sociais, o turismo teria, teoricamente, um potencial transformador e de renovação, caso a dimensão plural da cultura fosse considerada. Caso, entretanto, isto não ocorra, essa dimensão pode ser mascarada e até destruída conforme os interesses do mercado (MENESES, 1996, p. 92).

Neste processo, para que a cultura constitua a totalidade da experiência social, as políticas culturais deveriam abranger a sociedade universalmente. Ou seja, não deve ser direcionada a um segmento privilegiado da sociedade, pois o lugar da cultura é o domínio das necessidades. Porém, o que vivemos é um esforço redutor para a cultura, de forma a compartimentá-la em vez de localizá-la na totalidade da vida social (MENESES, 1996, p. 94).

Enquanto a cidade litorânea e seus elementos podem ser percebidos pelos moradores como espaços de prática social cotidiana, os mesmos elementos podem ser percebidos pelos turistas como espaços simbólicos, dotados de valor de troca.

Assim, um conflito é evidenciado: do uso cultural turístico e do uso cultural da prática cotidiana. Segundo Meneses (1996) o padrão dominante do uso cultural turístico pode ser sobreposto ao uso cotidiano.

Para o sujeito que habita determinado lugar, toda a sua ação é territorializada, pois sua vida cotidiana é desenvolvida a partir não somente de um lugar que possui um uso turístico, mas principalmente, aos demais espaços contíguos que envolvem o cotidiano como um todo, pois há uma relação que é mantida de forma intensa e permanente (hábito) entre o habitante e o lugar (MENESES, 1996).

O ritmo individual, expresso na cotidianidade, "[...] ele garante a possibilidade de envolvimento mais amplo e fecundo, adaptado às oscilações de ritmos e trajetórias da subjetividade" (MENESES, 1996, p. 97).

Desta forma, há uma relação de pertencimento e consolidação de mecanismos que possibilitam a construção do processo de identidade que é situada no espaço. A relação do habitante com o lugar não é pontual e nem de exceção, ela é existencial.

Por outro lado, para os turistas a ação é desterritorializada, a par de seu cotidiano, pois destoa-se da habitualidade. O uso cultural turístico não é vinculado à ideia de vivência, é uma relação efêmera, pontual e de contemplação (MENESES, 1996).

Com o intuito de compreender os conflitos decorrentes da relação entre residente, turista e um lugar, isto é, da vida cotidiana e da atividade turística em determinado contexto espacial, o estudo de caso de Praia Grande permitiu refletir acerca das questões elencadas. Assim, estudaremos no próximo capítulo o contexto histórico, social e econômico do município em questão.

3 O estudo de caso: Praia Grande

3.1 Contexto Histórico

3.1.1 Formação Histórica: o processo de ocupação

O grupo indígena Tupi-Guarani, advindo da região dos vales dos rios Madeira e Xingu em busca de uma chamada “Terra sem Males”, ocupava praticamente todo o litoral brasileiro na época em que os portugueses chegaram na costa brasileira. A costa litorânea que envolve a Baixada Santista era ocupada pela tribo indígena Tupiniquim, do grupo Tupi-Guarani, por pelo menos quinhentos anos antes da invasão portuguesa do século XVI (BUENO, 2003).

Na guerra contra os Tupinambá-Tamoio, em meados de 1530, a tribo Tupiniquim foi aliada aos portugueses. O desdobramento da relação com os colonizadores já é conhecido; no século seguinte a população indígena tupiniquim já havia sofrido o processo genocida - índios foram escravizados ou mortos por doenças infecciosas -, sendo praticamente extinta naquele século (BUENO, 2003).

A Vila de São Vicente foi fundada em março de 1532 e representa um marco no início do processo colonial brasileiro, consolidando-se oficialmente como o primeiro núcleo de ocupação portuguesa (BUENO, 2003, p. 68).

A atividade portuária da região teve início ainda no século XVI, com um desenvolvimento pouco expressivo, e desempenhava uma posição secundária, quando comparada com outros portos do território brasileiro (ZUNDT, 2006). Tal configuração logística é explicada devido ao papel econômico da região ser pouco expressivo durante os períodos dos ciclos do açúcar e do ouro.

Realidade a qual perdurou até o século XIX quando teve início a produção cafeeira no território paulista, período conhecido como o ciclo econômico do café. Segundo Afonso (1999), a atividade agrícola extensiva nas regiões próximas à Baía de Santos, nas zonas Mogiana e Paulista, garantiu a consolidação do porto de Santos como o principal ponto de escoamento da produção de café das fazendas paulistas.

O processo do deslocamento e fluxo de pessoas e mercadorias pelas terras que ligavam a região conhecida atualmente como Baixada Santista e o Planalto Paulista é marcado pela sucessiva construção de obras ao longo dos séculos a fim de alcançar a transposição da Serra

do Mar, uma barreira considerada natural à livre circulação, devido às características geológicas e geomorfológicas (SANTOS, A.R., 2004).

A logística do transporte de mercadorias durante o início do período colonial era feita através de caminhos, trilhados pelos indígenas antes da chegada dos colonizadores, que ligavam a planície litorânea com o interior do continente, como a trilha dos Tupiniquins, utilizada durante o século XVI (SANTOS, A.R., 2004).

Como expõem Mendes e Gledzer (1994), a partir de 1554 um novo caminho passou a ser utilizado, conhecido como o caminho do Padre José de Anchieta, para substituir a Trilha dos Tupiniquins no transporte de mercadorias por indígenas e escravizados.

Já no final do século XVIII, a Calçada de Lorena foi construída a fim de modernizar os caminhos de escoamento da produção do Planalto para assegurar a demanda produtiva, aumentando a eficiência do transporte e a quantidade de mercadoria transposta.

Ao longo do século XIX, a centralidade da atividade portuária na região foi acompanhada por processos de reformas do porto para a eventual ampliação da capacidade de escoamento da produção, aliada à construção da primeira ferrovia ligando Santos e São Paulo. Nesse sentido, o processo de ocupação da Região Metropolitana da Baixada Santista foi intensificado em função da localização estratégica - sob os moldes da exploração colonial -, que a região possui (AFONSO, 1999).

Portanto, a importância do porto de Santos para a economia portuguesa durante o período colonial influenciou a formação dos núcleos de ocupação que posteriormente, no século XIX, caracterizariam a região urbana central da Baixada Santista (INSTITUTO POLIS, 2014) dos municípios de Santos e São Vicente.

A inauguração em 1867 da primeira ferrovia ligando São Paulo a Santos contribuiu significativamente para a consolidação do porto de Santos como o principal porto para o escoamento da produção cafeeira, atraindo fluxo de capital e pessoas para a região da Baixada Santista. A construção da ferrovia ligando São Paulo e Rio de Janeiro, no ano de 1877, marcou definitivamente a canalização do escoamento dos produtos exportados sendo direcionados ao porto de Santos.

É nesse contexto histórico, no início do século XX, que há o surgimento do turismo nessa região, em decorrência do melhor acesso às praias santistas que promoveu o fluxo de pessoas ao litoral da Baixada Santista.

Com a construção das rodovias na primeira metade do século XX, como por exemplo a pavimentação do Caminho do Mar e construção da Via Anchieta, ligando o litoral paulista às regiões interioranas, o fluxo de pessoas à região foi amplificado em larga escala.

Caracterizando, pois, a expansão do turismo na região a qual foi promovida inicialmente pela abertura de novas estradas (AFONSO, 1999).

Após a inauguração da Rodovia Anchieta, em 1947, companhias loteadoras promoveram a propaganda para a compra de terrenos na região litorânea, incentivando o uso turístico na região. Como consequência, ainda na década de 50 houve a construção do primeiro loteamento turístico, denominado “Cidade Ocian”, localizado no município de Praia Grande (AFONSO, 1999).

Já com a construção da pista norte da Rodovia dos Imigrantes, em 1976, a acessibilidade à região litorânea foi ainda mais otimizada. Como consequência desta construção, dada pela facilidade de deslocamento entre São Paulo e o litoral, houve uma intensificação no processo de urbanização impulsionado pela demanda turística, resultando no *boom* imobiliário (ZÜNDT, 2001, pg. 318). Já a pista sul da Rodovia dos Imigrantes foi inaugurada em 2002, melhorando ainda mais as condições de acesso à região (ZÜNDT, 2001, pg. 327).

3.1.2 Processo de urbanização do município – A partir da década de 50.

Segundo o Instituto Pólis (2014, p. 12), durante a década de 50 houve um processo de expansão urbana direcionada à Praia Grande, e a cidade passou por um processo de crescimento acelerado ao longo de toda a segunda metade do século XX, sendo acompanhada de outros municípios como São Vicente, durante a década de 60, e os municípios de Bertioga e Peruíbe durante as décadas seguintes. Tal crescimento não foi isolado, ele foi disperso por toda a Baixada Santista devido à importância da cultura de veraneio crescente junto à acessibilidade da região.

Após a emancipação de São Vicente, em 1967 (ano da fundação do município de Praia Grande), houve uma aceleração no ritmo de crescimento da cidade, o qual foi intensificado na década de 80 após a construção da Ponte do Mar Pequeno que ligava diretamente o município à São Paulo.

Enquanto a população de Praia Grande, segundo o censo de 1970, representava 2,97% de toda a população da Baixada Santista, em 1980, a população representava 6,82%, e segundo o último censo realizado, a população já representava quase 16% de todo o contingente populacional da região (Tabela 1). O município também possui destaque na taxa de crescimento populacional médio anual, com taxas mais elevadas do que a média do Estado de São Paulo e de toda a região da Baixada Santista, segundo todos os censos a partir do

primeiro recenseamento feito pós à elevação de Praia Grande à condição de município (Tabela 2).

Tabela 1 - Evolução da população residente de Praia Grande.

Ano	Pop. Praia Grande	Pop. Total Baixada Santista	% em relação à Pop. Baixada Santista
1970	19.297	649.169	2,97
1980	65.374	957.889	6,82
1991	122.354	1.214.980	10,07
2000	192.769	1.473.912	13,08
2010	262.051	1.664.136	15,75

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 1970, 1980, 1991 e 2010. Organização: Praia Grande (2021).

Tabela 2 - Taxa de crescimento populacional médio anual do município de Praia Grande.

Período	(% a.a.) Praia Grande	(% a.a.) Baixada Santista	(% a.a.) Estado de São Paulo
1970/1980	12,98	3,97	3,51
1980/1990	5,86	2,18	2,12
1990/2000	5,18	2,17	1,82
2000/2010	3,12	1,22	1,10

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 1970, 1980, 1991 e 2010 e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE). Organização: Beatriz Pereira (2021).

O crescimento demográfico é explicado em decorrência do processo de urbanização do município, o qual foi intensificado após a emancipação do município de São Vicente, aliado ao processo migratório intraurbano, comum dentre as regiões metropolitanas (ZÜNDT, 2010).

A partir da década de 70 houve o investimento massivo em infraestrutura urbana para o desenvolvimento da cidade. O “boom imobiliário” promovido pela cultura de veraneio também contribuiu significativamente para a urbanização dos municípios da Baixada Santista, entre 1970 e 1990, com o investimento na área da construção civil e consequente expansão da ocupação das áreas litorâneas.

Paralelamente, a verticalização da orla litorânea de Praia Grande foi sendo estabelecida, com elevados investimentos do setor imobiliário no lançamento de imóveis verticais destinados aos turistas e moradores locais de classe média alta, enquanto a população mais pobre foi ocupando os espaços de moradia mais distantes das praias, os quais moram predominantemente em imóveis horizontais (ZÜNDT, 2010).

A partir da década de 1990, a orla do município já estava praticamente ocupada e o processo de ocupação foi sendo expandido para as áreas mais próximas da Serra do Mar. Foi

ao longo desta década que houve um processo de melhoria generalizada na infraestrutura da cidade, com o investimento no sistema de transportes e pavimentação de mais de 90% das ruas de Praia Grande para incentivar o comércio, o turismo e o setor imobiliário. Com as reformas realizadas pela prefeitura, junto aos investimentos imobiliários, houve, nesta época, um crescimento na ocupação das áreas mais interiores da cidade, por uma classe média mais baixa. Nesse sentido, a Via Expresso Sul, que recorta o município, é considerada um marco do divisor entre as classes sociais da cidade. Sendo, portanto, as áreas mais próximas à orla (sentido praia) ocupadas por uma classe social mais elevada, enquanto temos nas áreas mais distantes da orla (sentido Serra do Mar e mangue) ocupadas por uma classe social de menor poder aquisitivo.

3.2 Caracterização socioeconômica

3.2.1 Dados socioeconômicos

O PIB do município de Praia Grande em 2018, estimado pela Fundação SEADE, foi de R\$ 7,04 bi, enquanto o PIB estimado do ano de 2002 era de R\$ 1,16 bi, o que indica uma dinâmica acelerada no crescimento econômico da cidade. Enquanto isso, o município possui um PIB per capita abaixo da média do Estado de São Paulo. Para o ano de 2002, o PIB per capita era de R\$ 5.637,00 enquanto para o ano de 2018 o cálculo estimado é de R\$ 21.859,00 (Tabela 3).

Tabela 3 - Comparação do PIB e PIB per capita estimados do município de Praia Grande.

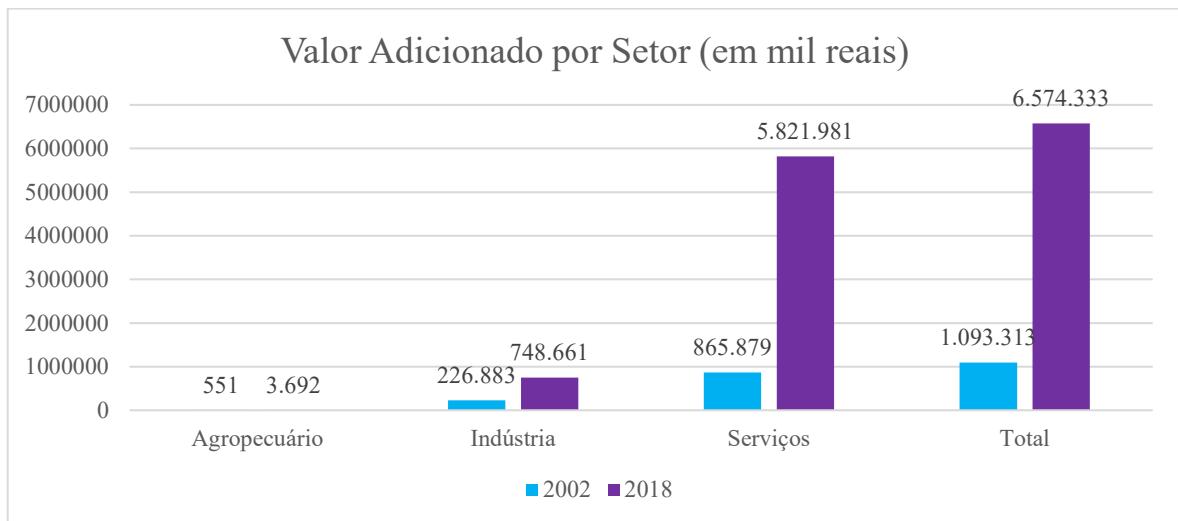
Município	PIB (em mil reais) 2002	PIB per capita (em reais) 2002	PIB (em mil reais) 2018	PIB per capita (em reais) 2018
Praia Grande	1.164.371	5.637	7.041.818	21.859
Estado de SP	518.878.815	13.688	2.210.561.949	48.207

Fonte: Fundação SEADE. Organização: Beatriz Pereira (2021).

Quanto à participação dos setores econômicos no valor adicionado da cidade como um todo, para o ano de 2002, o setor de serviços representava 79,20% do total do valor adicionado; já o subsetor de comércio e serviços representado por 70,13% desta porcentagem e a administração pública representando 29,87% do valor total do setor de serviços. Para o ano de 2018, o setor de serviços teve como participação do percentual total do valor adicionado 88,56%, ou seja, um crescimento significativo, tanto em termos absolutos quanto em termos relativos. Já o setor de indústria representou, em 2002, 20,75% no VA total do

município e no ano de 2018 representou 11,39% do total. O setor de agropecuária tanto em 2002 quanto 2018 representava menos de 1% no valor adicionado total. Nota-se que do ano de 2002 para o 2018 houve um aumento no valor absoluto ainda que o percentual da participação do setor desta atividade econômica tenha diminuído em termos percentuais (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Comparação do Valor Adicionado por setor econômico no município de Praia Grande.



Fonte: Fundação SEADE. Organização: Beatriz Pereira (2021).

Como se pode notar, fica visível no Gráfico 1 a importância assumida pelo setor de serviços no município de Praia Grande no decorrer das duas primeiras décadas do século XXI. Em termos absolutos, o valor adicionado por este setor em 2018, quando comparado ao ano de 2002, foi cerca de 6,7 vezes maior.

3.2.2 Características socioeconômicas da população e suas imbricações espaciais

Para compreender de maneira mais efetiva as características socioeconômicas gerais da cidade estudada como um todo, faz-se necessário espacializar tais atributos dentro o território municipal para que os aspectos socioeconômicos façam sentido conforme o padrão de distribuição da população no município de Praia Grande.

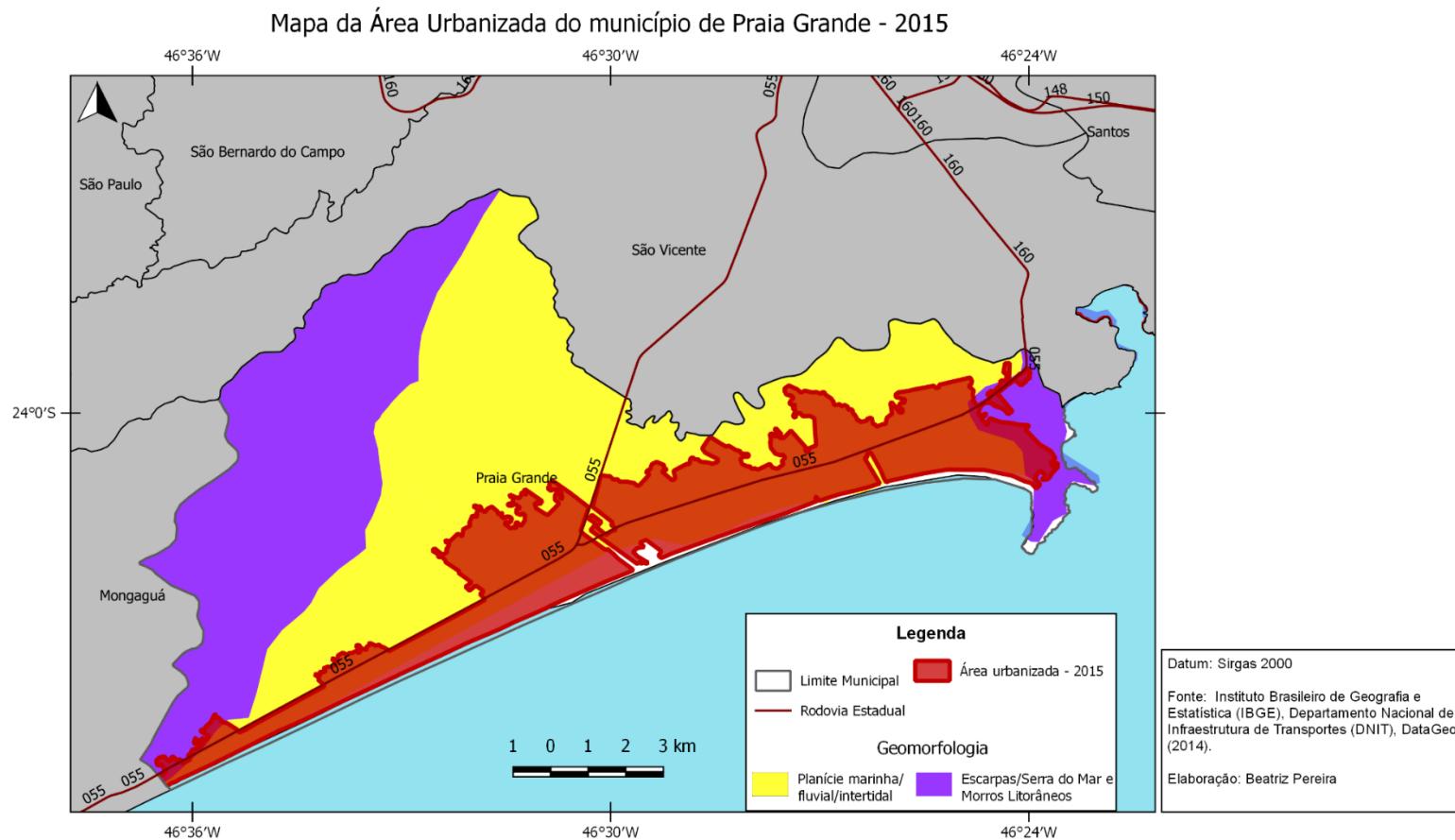
Para tal, foram elaborados três mapas que espacializam dados como rendimento médio do responsável por domicílio, densidade demográfica e área urbanizada, para que os atributos socioeconômicos sejam pensados a partir do território.

Nesse sentido, conforme mencionado, praticamente toda a população do município está assentada ao longo da extensa planície litorânea, ainda que o processo de ocupação em

direção à Serra do Mar esteja sendo consolidado, o adensamento geral da população encontra-se em regiões mais próximas da orla praiana, sobre a planície litorânea, caracterizando assim, a área urbanizada do município. As Rodovias Padre Manuel da Nóbrega (SP-055) e dos Imigrantes (SP-160) cortam o território municipal praticamente ao meio; a Rodovia dos Imigrantes (SP-160) é conectada diretamente à cidade através da Ponte do Mar Pequeno, localizada no limite do município, na porção nordeste (Mapa 1).

Tal configuração viária possibilitou o incremento do fluxo de pessoas em direção à cidade, pois encurtou a distância entre o interior do Estado e o município. Anteriormente à construção do trecho da Ponte do Mar Pequeno, o qual conecta Praia Grande ao final da Rodovia dos Imigrantes, era necessário que, para acessar o município, os carros transitassem pelas cidades vizinhas, como São Vicente e Santos, pois este era o único caminho disponível.

Mapa 1- Mapa da Área Urbanizada do município de Praia Grande – 2015.



Elaboração: Beatriz Pereira (2021).

O processo de ocupação do solo em direção à Serra do Mar em alguns bairros da cidade vem sendo consolidado cada vez mais conforme o crescimento populacional do município é observado (Figura 2).

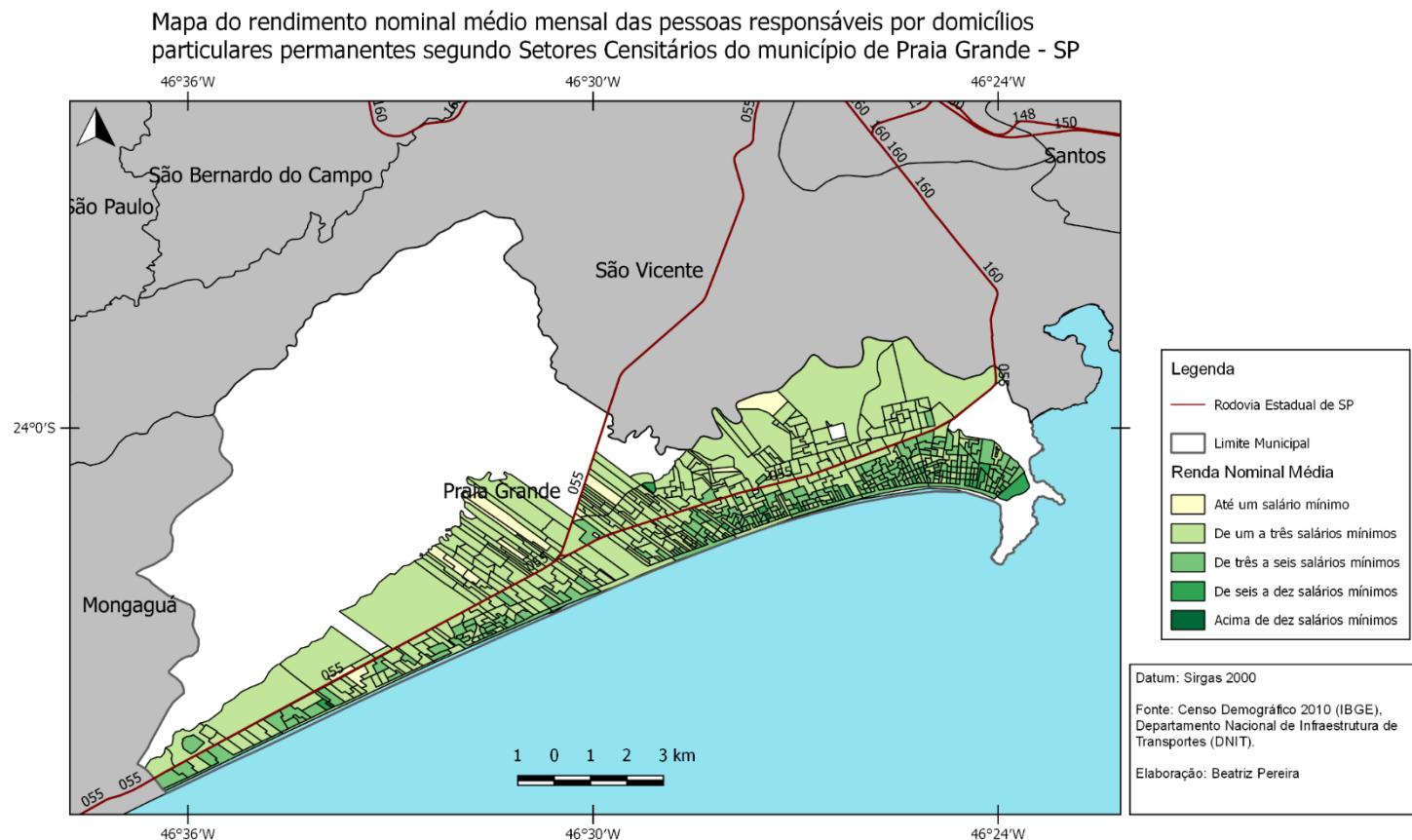
Figura 2 - Adensamento de construções dentre áreas mais distantes da orla, 2005 e 2021. À esquerda, uma imagem de 2005. À direita, 2021.



Fonte: *Google Earth* (2021).

O padrão de espacialização da renda média mensal dos responsáveis por domicílio é bem característico da cidade, no qual pode-se destacar a distribuição padronizada no território entre a população de diferentes classes sociais, com uma concentração de pessoas com maior poder aquisitivo em determinada área da cidade, próxima à praia, como observamos no Mapa 2.

Mapa 2 - Rendimento nominal médio mensal das pessoas responsáveis por domicílios particulares permanentes, segundo Setores Censitários do município de Praia Grande – SP.



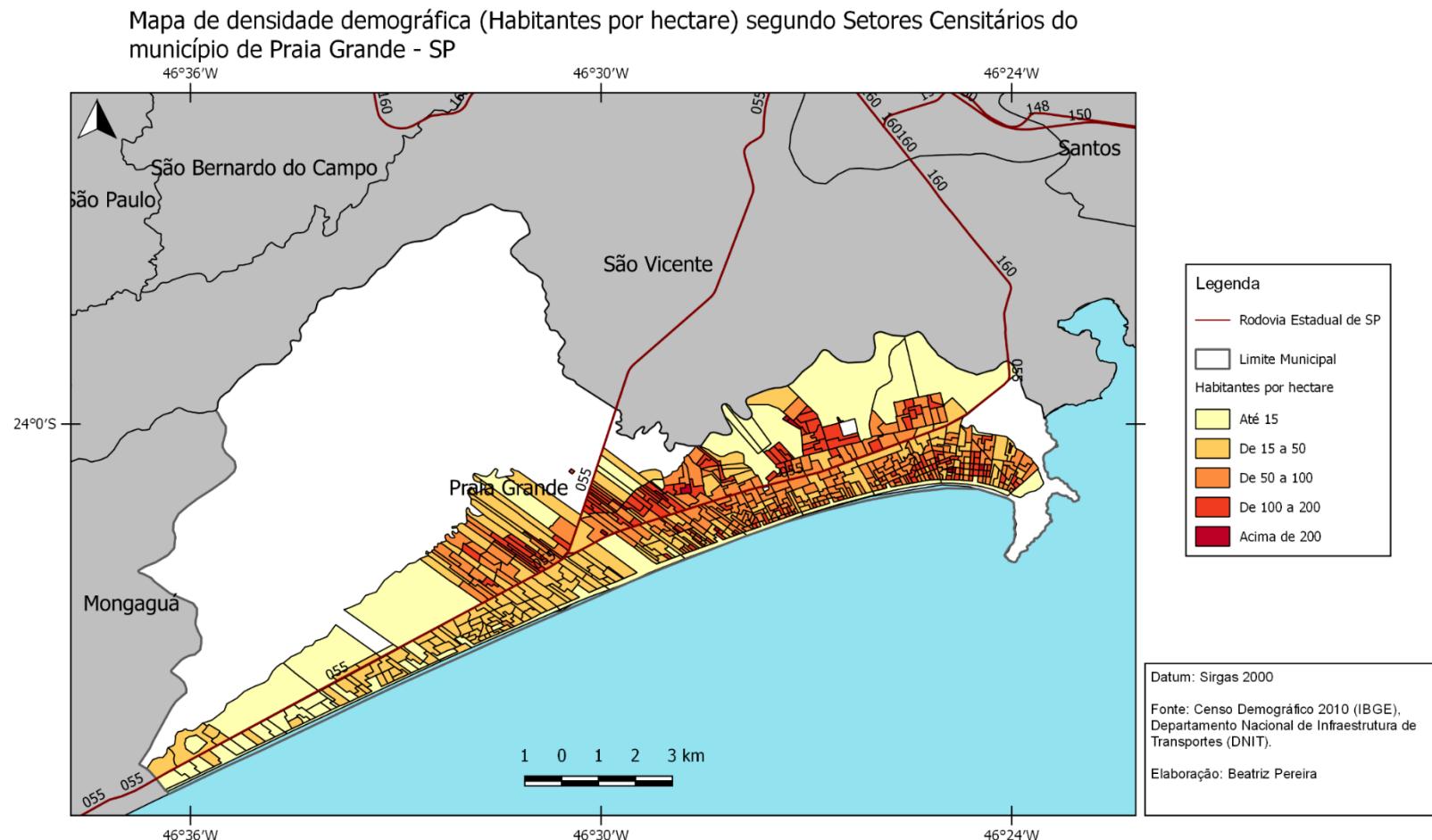
Elaboração: Beatriz Pereira (2021).

Como se pode notar, o mapa revela que as áreas mais próximas à orla da praia têm uma concentração de pessoas que possuem um rendimento médio entre seis a dez salários mínimos, enquanto as pessoas responsáveis por domicílio que possuem uma renda média entre um a três salários mínimos, são distribuídas por todo o município. Note-se, também, que as rodovias que cortam a cidade funcionam como uma espécie de marco divisor entre as classes sociais de Praia Grande, reafirmando essa distribuição desigual da população, segundo o rendimento médio mensal dos responsáveis pelo domicílio.

O padrão de distribuição populacional urbana dentro do município é similar à espacialização do mapa apresentado acima. Enquanto no mapa apresentado anteriormente havia uma concentração de uma classe média mais baixa nos setores censitários mais distantes da orla praiana, nestes mesmos setores censitários, há uma concentração das maiores taxas de densidade demográfica distribuídas, contribuindo, pois, para a constatação do padrão da distribuição da população citadina conforme as classes sociais (Mapa 3).

Essa dinâmica socioespacial pode ser compreendida como consequência da cultura de veraneio e de segundas residências, as quais são relacionadas aos fenômenos de especulação imobiliária aliada a prática turística.

Mapa 3 - Mapa de densidade demográfica (Habitantes por hectare) segundo Setores Censitários do município de Praia Grande – SP.



Elaboração: Beatriz Pereira (2021).

Embora as áreas de ocupação mais densa estejam majoritariamente localizadas na porção à norte da SP 055, são encontradas também altas densidades populacionais em bairros de maior poder aquisitivo, localizados na porção a sul da rodovia.

3.3 Impactos do turismo sobre a produção do espaço litorâneo

3.3.1 Dados sobre os domicílios particulares de uso ocasional – DPUO

A existência de domicílios categorizados como uso ocasional exprime um antagonismo frente aos domicílios particulares ocupados, cuja função deste último está relacionada ao uso permanente destinado à habitação. Como contraposto, os domicílios particulares de uso ocasional (DPUO) podem ser compreendidos como um tipo de alojamento turístico particular, que possui um uso eventual, evidenciando, pois, os aspectos mercadológicos que envolvem o consumo do espaço, o deslocamento entre os lugares, a renda excedente e, finalmente, o tempo livre. Portanto, a utilização dos imóveis para esta finalidade, isto é, uso turístico, revela a apropriação dos sistemas de objetos existentes pelo fenômeno turístico o qual envolve as relações entre mercado, sociedade e Estado (SABINO, 2012).

Não por acaso que dos onze municípios do Estado de São Paulo que possuem o maior número em termos relacionais de imóveis particulares não-ocupados de uso ocasional, listados a seguir, dez deles são municípios litorâneos, com o destaque para Bertioga, Ilha Comprida, Mongaguá e Praia Grande (Tabela 4).

Tabela 4 - Ranking dos municípios de SP com maior % de DPUO em relação ao total de domicílios.

Município	Total de domicílios	DPUO	% DPUO/Total
1. Bertioga	44.834	27.878	62,18
2. Ilha Comprida	10.993	6.834	62,17
3. Mongaguá	41.822	25.327	60,56
4. Praia Grande	200.061	104.912	52,44
5. Itanhaém	67.177	34.857	51,89
6. Ubatuba	59.996	30.036	50,06
7. Peruíbe	40.166	17.736	44,16
8. Caraguatatuba	64.740	27.902	43,1
9. Águas de São Pedro	2.047	835	40,79
10. São Sebastião	43.259	16.606	38,39
11. Guarujá	137.574	46.346	33,69

Fonte: Censo Demográfico 2010 – IBGE. Organização: Beatriz Pereira (2021).

Como pode ser observado, o percentual de domicílios particulares de uso ocasional em municípios da zona costeira é muito elevado entre os municípios do Estado. De todos os municípios do Estado de São Paulo, Praia Grande ocupa o primeiro lugar em números absolutos de domicílios particulares de uso ocasional. As maiores taxas em municípios costeiros podem ser compreendidas como um reflexo da cultura de veraneio e do fenômeno de segunda residência, os quais são expressos de maneira potencializada em municípios litorâneos.

3.3.2 Cultura de Colônia de Férias

Segundo Rodrigues (2018) o Brasil possui cerca de 270 colônias de férias de sindicatos, associações, federações e confederações de trabalhadores dos setores público e privado. Deste total, 150 estão localizadas no Estado de São Paulo e 44 colônias estão em Praia Grande, o que representa cerca de 16% de todas as colônias de férias do Brasil e cerca de 29% do total do Estado de São Paulo, o que revela a influência deste tipo de construção para a apropriação e produção do espaço de um determinado lugar e consequente repercussão sobre a vida cotidiana das populações locais.

Um fator relevante sobre Praia Grande é que mais da metade de todas as colônias de férias estão concentradas geograficamente em uma mesma avenida, denominada “Avenida dos Sindicatos”. Tal concentração não é por acaso e nada tem a ver com o intuito de promover a confraternização e união entre os trabalhadores que desfrutam do tempo livre. Ela é, ao contrário, relacionada ao controle das massas, o qual é promovido através do adensamento dessas construções com este tipo de uso turístico (RODRIGUES, 2018).

De maneira ampla, “[...] o turismo em geral assim como o turismo sindical, integram os trabalhadores ao sistema como indivíduos isolados em conjunto.” (Rodrigues, 2018, p. 218). Portanto, a concentração das colônias de férias do Estado de São Paulo no território municipal Praiagrandense eleva o município a um dos destinos mais procurados em época de alta temporada (veraneio) por trabalhadores e suas respectivas famílias.

3.3.3 Dados do SECOVI-SP e tipos de domicílio

Segundo Estudo do Mercado Imobiliário da Baixada Santista (2012), de todos os imóveis comercializados nos municípios de Guarujá, Santos, São Vicente e Praia Grande,

durante o período de 36 semanas (março de 2009 até março de 2012), 98% do total eram residências verticais. Neste período, os imóveis lançados no município de Praia Grande totalizaram 5.360 unidades, representando 37,56% de todos os lançamentos de imóveis dos quatro municípios no referido período. De acordo com o Estudo do Mercado Imobiliário da Baixada Santista (2017), Praia Grande superou Santos em números absolutos de unidades lançadas e representou 50,76% de todos os imóveis lançados. Entre julho de 2017 a junho de 2020, a porcentagem de imóveis lançados na cidade foi de 51,05% abrangendo 7.239 unidades (Tabela 5).

Tabela 5 - Comparação de imóveis lançados para a venda dos municípios da Baixada Santista.

Município	Imóveis Verticais	Imóveis Totais	Imóveis Totais
	Mar/2009 a Mar/2012	Jul/2014 a Jun/2017	Jul/2017 a Jun/2020
Praia Grande	5.360	4.657	7.239
Santos	7.707	2.946	3.595
São Vicente	345	274	1.578
Guarujá	858	1.298	1.769
Total	14.270	9.175	14.181

Fonte: Estudo do Mercado Imobiliário da Baixada Santista 2012, 2018 e 2020 (Secovi). Organização:

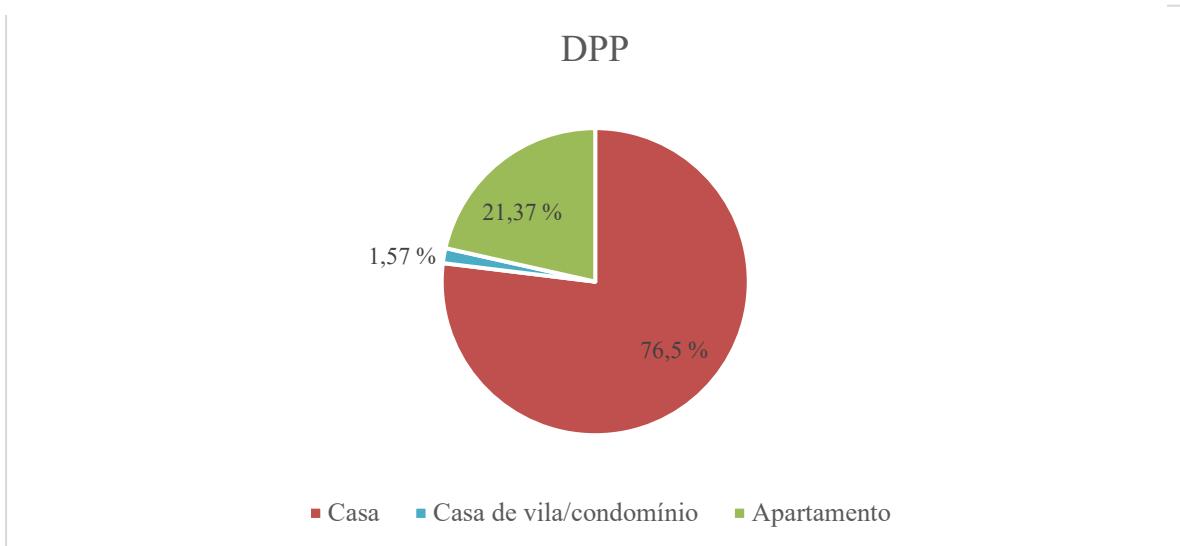
Beatriz Pereira (2021).

Praia Grande destaca-se atualmente como o município da Baixada Santista que mais lança imóveis, com um mercado imobiliário extremamente aquecido. Porém, praticamente 100% dos imóveis que são comercializados são residências verticais, e a distribuição deles se dá em áreas próximas da orla marítima, ocupadas majoritariamente por uma população residente que possui um poder aquisitivo maior.

Além disso, estes imóveis são localizados em áreas verticalizadas, as quais possuem a maior densidade de domicílios particulares não-ocupados de uso ocasional, de acordo com a Agência Metropolitana da Baixada Santista – AGEM (2014).

Segundo o Censo demográfico de 2010, de todos os domicílios particulares permanentes (DPP) de Praia Grande, um total de 83.445, cerca de 76,6% são do tipo “casa” enquanto 21,37% são do tipo “apartamento” e menos de 2% do tipo “casa de vila e/ou condomínio”, demonstrando desta forma, que a maioria da população residente mora em domicílios do tipo “casa” (Gráfico 2).

Gráfico 2 - % de domicílios particulares permanentes (DPP) de Praia Grande – SP.



Fonte: Censo Demográfico 2010 – IBGE. Organização: Beatriz Pereira (2021).

Com base nos resultados levantados acima, nota-se que os investimentos imobiliários no município são destinados a um setor minoritário da população local em conjunto com os visitantes temporários, visto que a classe mais popular tendenciosamente acaba habitando lugares mais afastados da orla por conta do fenômeno de especulação imobiliária que atinge drasticamente as regiões litorâneas e Praia Grande especificamente.

Nesse sentido, o público-alvo dos lançamentos de imóveis verticais é basicamente a parcela da população que faz o uso turístico dos espaços e, portanto, ocasional dos imóveis comprados e/ou alugados.

Esta relação é reflexo da cultura de veraneio, apostila do mercado imobiliário, e que contribui para a configuração de toda dinâmica socioespacial de um determinado lugar, visto que para ser turista, o indivíduo deve possuir uma renda excedente para que seja possível arcar com as despesas de deslocamento, estadia, lazer e necessidades básicas em um lugar que não seja sua casa.

É nesse contexto, portanto, que o fenômeno de segunda residência – consequência da cultura de veraneio –, é inserido. Pois esta prática social e atividade econômica alimenta o “boom” da especulação imobiliária que atinge as regiões litorâneas, gerando consequências em todas as esferas da sociedade.

3.4 A Cultura de Veraneio e seus impactos sobre a vida cotidiana em Praia Grande

O que foi exposto até aqui denuncia, em certa medida, a ocorrência de impactos da Cultura de Veraneio sobre a vida cotidiana de quem habita lugares ditos turísticos por meio, por exemplo, do habitar, ou seja, a influência que o turismo exerce sobre o próprio local de moradia das pessoas: o bairro, a acessibilidade, a existência de infraestruturas e etc. Por outro lado, objetivamos, desde o início, saber mais sobre esses impactos e, por isso, decidimos aplicar um questionário (Apêndice A) dirigido a moradores, conforme explicitado anteriormente. Para compreender o que ocorre na vida cotidiana fez-se necessário ouvir as pessoas que habitam o lugar turístico, de modo que as consequências do fluxo intenso e temporário de pessoas em determinado lugar pudessem ser discutidas a partir destas vozes.

A pesquisa visou alcançar um público-alvo de participantes que morassem em diferentes bairros da cidade para entender a percepção de acordo com o lugar que reside. Assim, tivemos uma participação de moradores dos bairros Vila Tupi (9 pessoas) Canto do Forte (5 pessoas) Jardim Guilhermina (5 pessoas) Tude Bastos (4 pessoas), Jardim Quietude (3 pessoas), Vila Antártica 1 (pessoa), Caiçara (1 pessoa), Solemar (1 pessoa), Samambaia (1 pessoa) e Aviação (1 pessoa). Destes, cerca de 21 participantes residem em localidades do lado da rodovia sentido praia.

A faixa etária da maioria dos participantes está entre 25 a 35 anos (15 pessoas) seguido de 18 a 24 anos (13 pessoas) até 17 anos (2 pessoas) e acima de 51 anos (1 pessoa).

As perguntas foram elaboradas de maneira que as diferentes esferas da vida cotidiana fossem abordadas e relacionadas à infraestrutura urbana, ao deslocamento, ao lazer e necessidades da população local.

No que concerne à infraestrutura urbana, os participantes foram questionados acerca das mudanças de fornecimento e abastecimento de serviços básicos como de energia elétrica, água e comunicação.

Em relação à mobilidade urbana, as perguntas questionaram o aumento de tráfego de carros particulares nas vias urbanas, o tráfego de pessoas, o fluxo de pessoas no transporte público e se os participantes evitam utilizar algum tipo de transporte (público ou privado) no período de alta temporada.

Quanto ao serviço e lazer, os participantes foram questionados sobre o impacto do fluxo de pessoas na utilização dos serviços de comércio e lazer, se eles evitam utilizar algum

serviço durante esta época ou se optam por utilizar em diferentes horários e dias devido ao elevado fluxo de pessoas.

O questionário também abarcou questões sobre a percepção acerca do aumento de poluição de resíduos sólidos em vias e praias, poluição sonora, aumento da violência urbana e impacto no emprego das pessoas.

Finalmente, as últimas questões do formulário envolviam o nível de satisfação geral que os moradores têm em relação ao período de férias de verão com a cidade, a infraestrutura e os turistas. Os resultados serão discutidos a seguir.

3.4.1 Impactos reportados na vida cotidiana

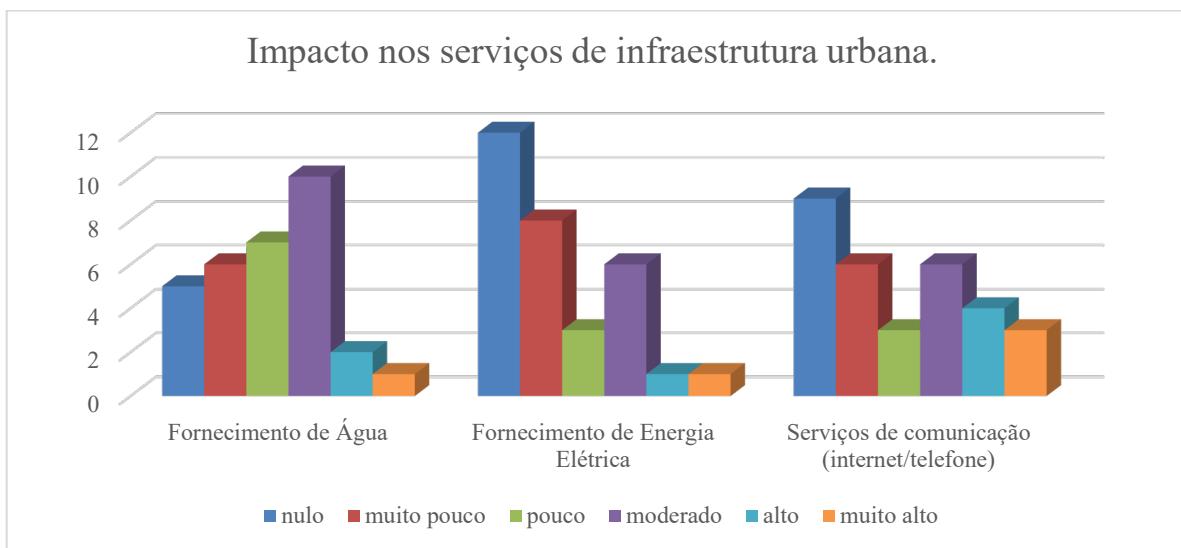
Para que haja a expansão do uso turístico em determinado local que possui oferta e demanda turística, a infraestrutura urbana revela-se como uma base para que o desenvolvimento seja viável. Como discutido, Praia Grande passou, na década de 90, por um massivo processo de desenvolvimento das infraestruturas urbanas para que a qualidade de vida fosse melhorada e, junto a isso, houvesse a expansão da atividade turística.

Porém, é comum que a qualidade da infraestrutura urbana de um município seja comprometida quando a utilização dos serviços de saneamento básico, elétrico e viário são intensificados e, tal comprometimento pode ser sentido de forma diversa, a depender da localização geográfica do bairro da cidade.

Os gráficos a seguir trazem os resultados alcançados, relativos à percepção dos entrevistados em relação aos distintos aspectos abordados.

De acordo com as informações levantadas pelos moradores, o fornecimento de água é o que mais sofre impacto na época de temporada, totalizando 26 pessoas que reportaram qualquer tipo de mudança nesse tipo de abastecimento. As 5 pessoas que responderam que não percebem qualquer tipo de diferença no fornecimento deste serviço moram na área considerada de classe média alta, no Canto do Forte, enquanto os moradores que relataram que percebem uma mudança muito alta no serviço moram em áreas mais afastadas da orla praihana. Para os serviços de fornecimento de energia elétrica e comunicações, as respostas que predominaram foram “moderado” e “nulo” (Gráfico 3).

Gráfico 3 - Impacto nos serviços de infraestrutura urbana.

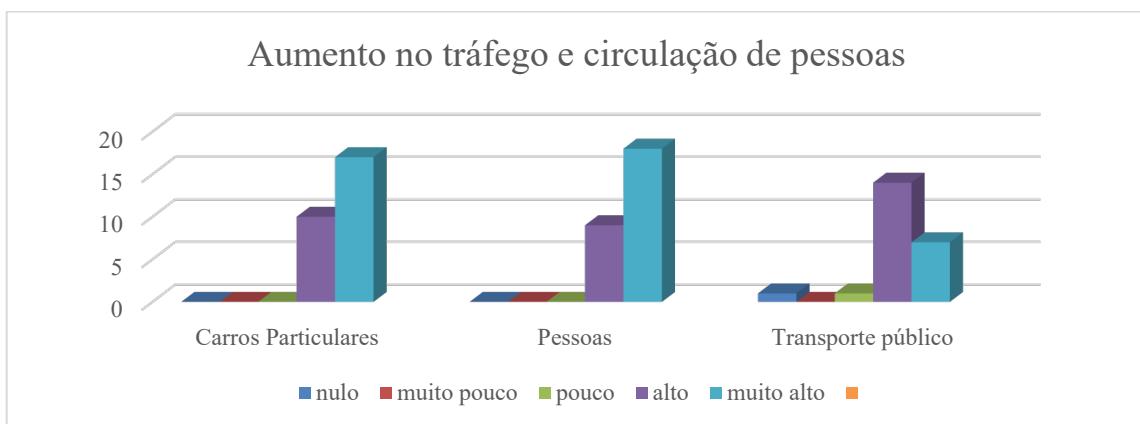


Fonte: Elaboração Própria (2021).

Como pode ser observado no Gráfico 3, a mudança no fornecimento de água é, segundo os residentes, o que mais é impactado no período de alta temporada. Enquanto o serviço de energia elétrica é o que tem menor impacto neste período analisado. Já os serviços de comunicação como internet e telefone possuem um impacto moderado.

Um dos impactos mais sentidos pelos moradores locais é no tráfego de carros, pessoas e o aumento do fluxo de passageiros na utilização dos serviços de transporte público. Todos entrevistados relataram um aumento “moderado” a “muito alto” destas três categorias (Gráfico 4).

Gráfico 4 - Aumento no tráfego e circulação de pessoas.

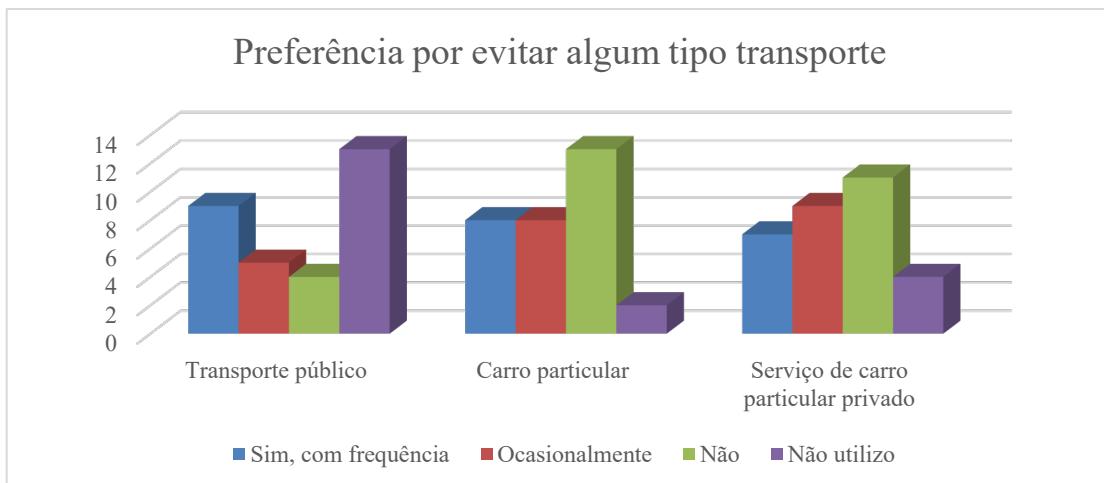


Fonte: Elaboração Própria (2021).

Além de questionar o aumento de fluxo de carros e pessoas, os quais são reportados anualmente através das notícias de jornais televisivos, duas das questões feitas envolviam a mudança na logística do trajeto pessoal pela cidade. Isto é, se o aumento no tráfego ocasionava, por exemplo, uma forma de transitar pela cidade diferente da usual.

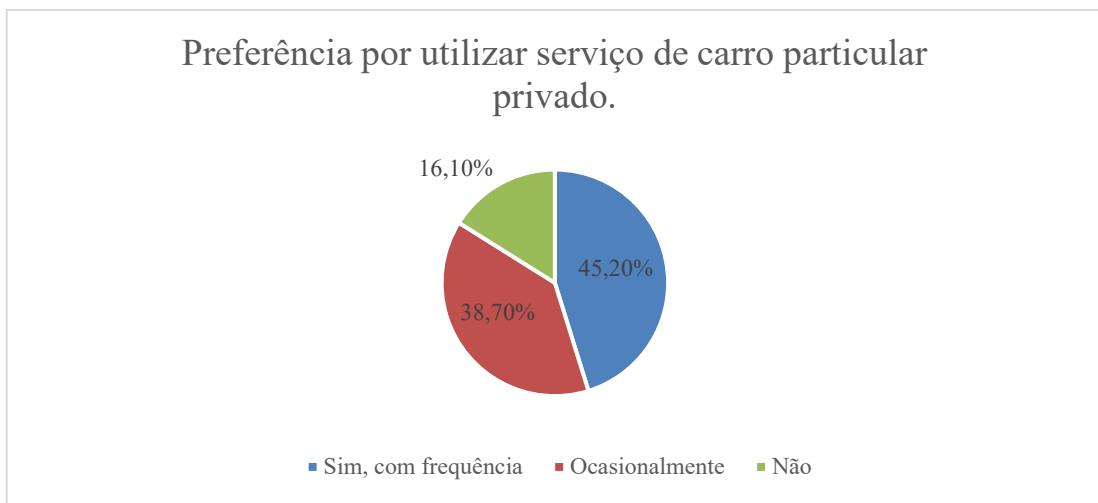
Nesse sentido, conforme as respostas, obtivemos que 14 das 18 pessoas que utilizam transporte público optam, seja frequentemente ou de maneira ocasional, a evitar a utilização de transporte (tendo como opções o deslocamento a pé, bicicleta ou carona). Enquanto das 29 pessoas que utilizam carro particular, 16 optam com frequência ou ocasionalmente por não utilizar em meio ao tráfego de carros intenso nesta época do ano (Gráfico 5). Ainda sobre o tipo de transporte utilizado para o deslocamento, cerca de 26 do total de pessoas entrevistadas opta por utilizar o serviço de transporte particular privado (Gráfico 6).

Gráfico 5 - Preferência por evitar algum tipo de transporte.



Fonte: Elaboração Própria (2021).

Gráfico 6 - Preferência por utilizar serviço de carro particular privado.

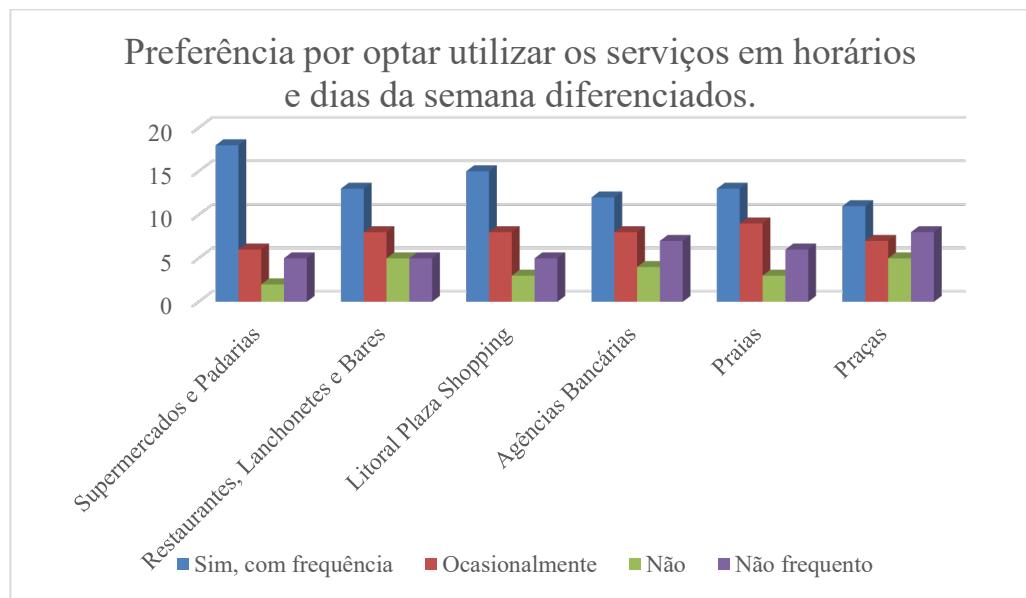


Fonte: Elaboração Própria (2021).

Já em relação aos serviços utilizados no dia a dia dos cidadãos, em conjunto com os espaços de lazer, praticamente todos relataram que o impacto do fluxo de pessoas é relativamente alto durante a alta temporada.

No que concerne à mudança de hábito, a fim de evitar horários e dias que estes espaços estão lotados, para todas as categorias elencadas, os moradores relataram que evitam com frequência utilizar determinados espaços a depender do horário ou dia da semana (Gráfico 7).

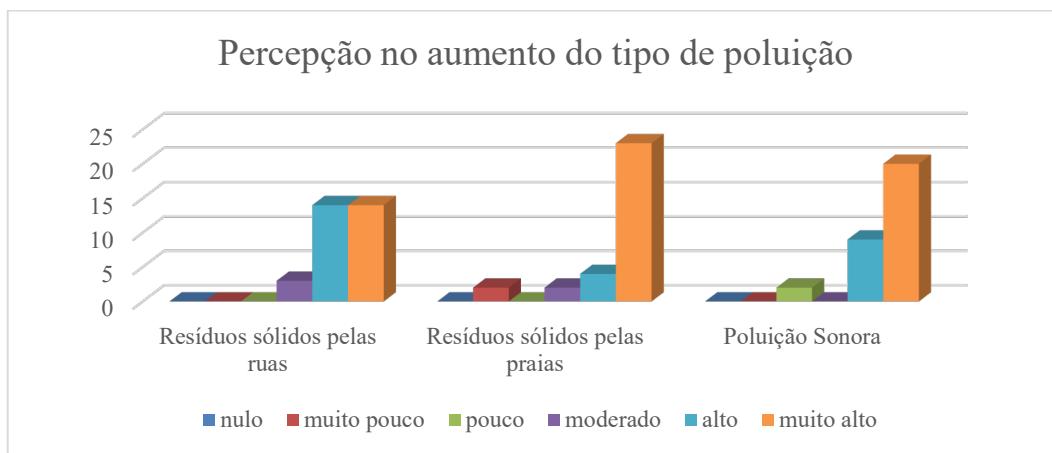
Gráfico 7 - Preferência por optar utilizar os serviços em horários e dias da semana diferenciados.



Fonte: Elaboração Própria (2021).

Além disso, ainda sobre lazer, a prefeitura organiza um evento denominado “Estação Verão Show” que geralmente tem duração de um mês (janeiro) durante o qual se promove shows musicais diários. De acordo com os entrevistados, 22 deles frequentam o evento, seja com uma frequência elevada (10 pessoas) ou ocasionalmente (12 pessoas), evidenciando, pois, a utilização pelos moradores locais de espaços e eventos criados em período de alta temporada que visam também o público exterior.

Os entrevistados, de maneira geral, relataram que percebem um aumento de resíduos sólidos pelas ruas e praias durante a época de alta temporada. Tivemos que 28 dos entrevistados responderam que o aumento de resíduos sólidos pelas ruas e praias é muito alto e 19 pessoas responderam que há o aumento da poluição sonora ocasionada pela utilização de caixas de som em festas privadas (Gráfico 8).

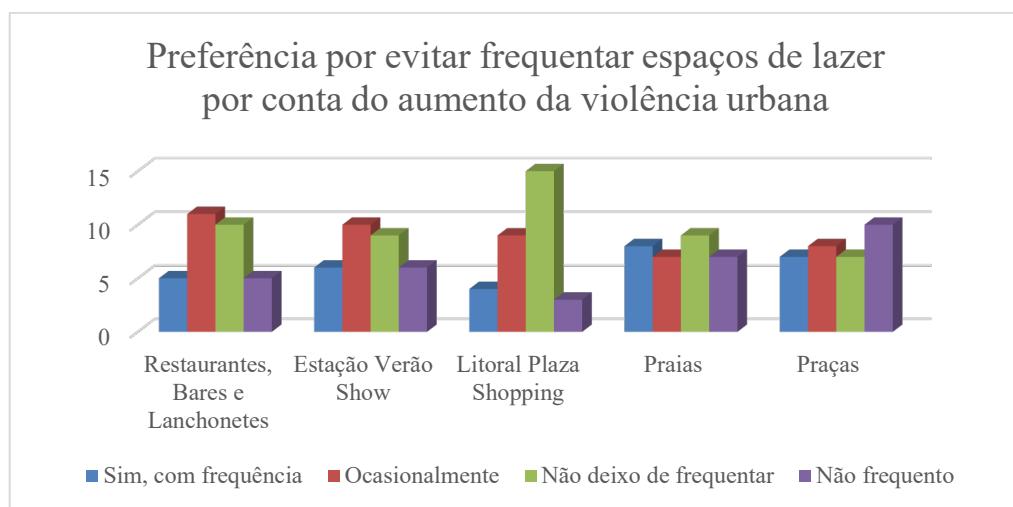
Gráfico 8 - Percepção no aumento do tipo de poluição.

Fonte: Elaboração própria (2021).

Sobre a violência urbana, todos os moradores entrevistados relataram que percebem um aumento durante o período de alta temporada. Assim, perguntamos, portanto, quais espaços de lazer eles evitam frequentar devido a este motivo e, também, qual o tipo de violência que faz com que eles deixem de frequentar determinados espaços.

De maneira geral, 29 de 31 pessoas responderam que evitam frequentar algum tipo de lugar e, destas, 25 pessoas evitam devido ao aumento de furtos, 22 devido ao aumento de roubos e 6 devido ao aumento de violência policial.

Já sobre os espaços de lazer que os habitantes costumam evitar por motivos de violência, os maiores índices foram relatados na categoria de “Restaurantes, Lanchonetes e Bares”, no evento “Estação Verão Show” e “Praias”. Enquanto o espaço privado “Litoral Plaza Shopping” foi a categoria que os moradores menos evitam frequentar (Gráfico 9).

Gráfico 9 - Preferência por evitar frequentar espaços de lazer por conta do aumento da violência urbana.

Fonte: Elaboração Própria (2021).

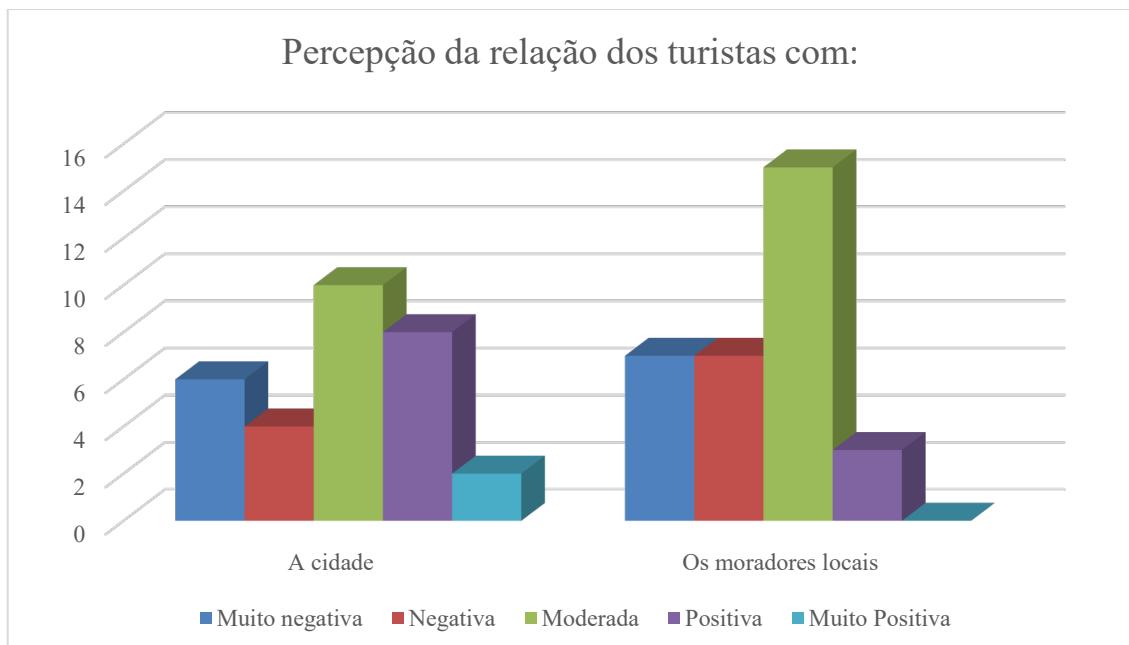
Em relação ao impacto do período de alta temporada na rotina de trabalho de cada entrevistado, considerando a importância do setor de serviços para a economia da cidade, 21 dos entrevistados relataram que o período de alta temporada e turismo impactam de alguma forma seus ambientes de trabalho. Quanto ao tipo de impacto, 15 pessoas relataram que há um aumento no fluxo de pessoas; 13 pessoas disseram que há um aumento da demanda de trabalho e 6 pessoas relataram que há um aumento da jornada de trabalho, com plantões e horas extras.

3.4.2 Considerações parciais

De maneira geral, todos os entrevistados reconhecem a importância do turismo para a economia da cidade, sendo que 18 entrevistados consideram muito alta, 9 pessoas consideram alta, 2 pessoas consideram moderada e 1 pessoa considera pouco importante. Enquanto isso, 26 dos entrevistados consideram que a cidade não possui infraestrutura urbana suficiente para receber a quantidade de turistas que costuma receber durante a temporada de verão.

Quando perguntados acerca da forma que eles percebem a relação dos turistas com a cidade e também com os moradores locais, em uma escala de “muito negativa” para “muito positiva”, a maioria relatou que é moderada, tanto para a cidade (10 pessoas) quanto para com os moradores locais (15 pessoas). Enquanto 12 consideram a relação muito negativa ou negativa com os moradores locais, 10 consideram a relação com a cidade muito negativa ou negativa. Também tivemos que 10 pessoas consideram a relação positiva ou muito positiva com a cidade (Gráfico 10).

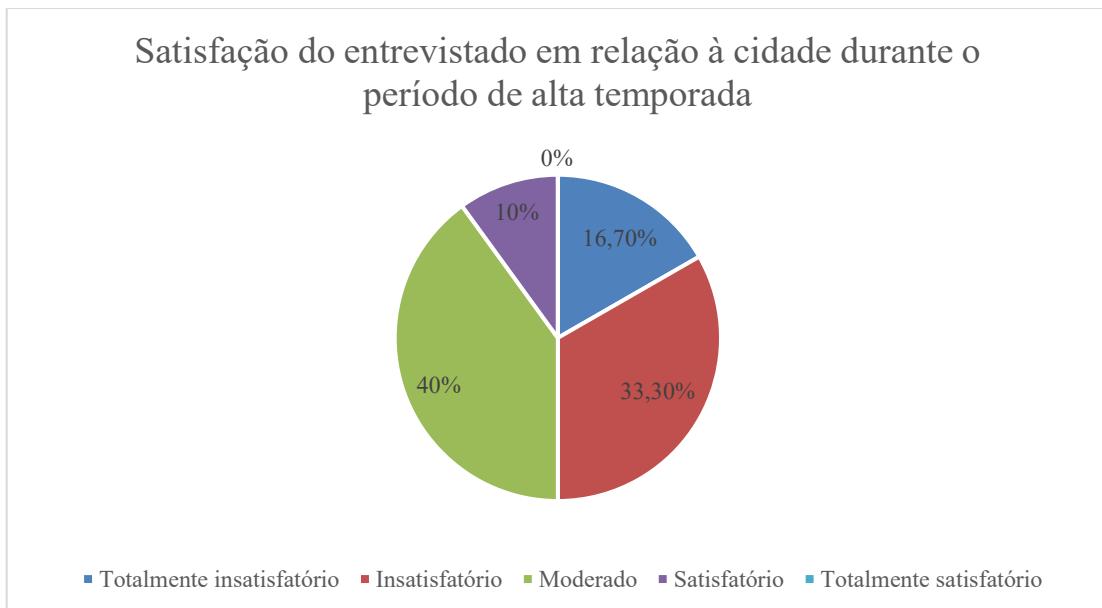
Gráfico 10 - Percepção dos moradores locais sobre a relação dos turistas.



Fonte: Elaboração Própria (2021).

Finalmente, perguntamos a respeito da satisfação do entrevistado em relação a cidade no período analisado, 10% dos entrevistados (3 pessoas) consideram “satisfatória”, 40% (12 pessoas) “moderado”, 33,3% (10 pessoas) “insatisfatório” e 16,7% (5 pessoas) “totalmente insatisfatório” (Gráfico 11).

Gráfico 11 - Satisfação do entrevistado em relação à cidade durante o período de alta temporada.



Fonte: Elaboração Própria (2021).

O que ocorre com as cidades turísticas, é que nos períodos em que o aumento do fluxo de pessoas é elevado – no município de Praia Grande, por exemplo, muitas vezes o número de pessoas triplica -, os turistas e habitantes locais compartilham não somente de espaços destinados ao lazer, mas de todo um sistema de serviços que envolvem a vida cotidiana de qualquer pessoa, seja na área de serviços, transporte, habitação etc.

As consequências desse encontro acarretam por promover mudanças, ainda que sutis, na vida cotidiana do morador local, comumente levando, pois, ao próprio indivíduo a adotar práticas diferentes das usuais que o levam a manter a sua prática cotidiana. Ou seja, na medida em que um morador local evita frequentar uma padaria em determinado horário, seja motivado pelas filas ou superlotação do estabelecimento, ele busca adaptar sua própria vida cotidiana às condições existentes dadas pelo período de alta temporada, o que evidencia a existência sutil de territórios em disputa.

Uma disputa que não deve ter a responsabilidade do planejamento urbano ignorada. Pois a infraestrutura urbana e as políticas de desenvolvimento da atividade turística são responsabilidades do poder público.

Assim, percebemos que a atividade econômica e prática social que é o turismo envolve diversas esferas da vida cotidiana dos lugares receptores do turismo. Pois o cotidiano, como Lefebvre (1994) sustenta, é envolto por subsistemas que são situados sobre um plano de realidade. Isto é, ele é composto por atividades sociais, organizações e instituições que operam à nível do Estado, e pela linguagem, a qual garante a comunicação entre as atividades, organizações e as autoridades.

Desse modo, o turismo configura-se como um subsistema dentro da sociedade de consumo e envolve duas realidades: a prática, enquanto existência social e a simbólica, pelo consumo de signos.

Há uma relação dialética entre a partida e ruptura da vida cotidiana, entre férias e cotidianidade. Enquanto temos a existência da estabilidade que engloba o cotidiano, há a existência do fetichismo do efêmero e da mobilidade (LEFEBVRE, 1994).

Aqui, a metalinguagem revela-se como onipresente na vida social, pois há o consumo dos signos e da própria metalinguagem pelo consumidor. Como observamos, o turista não consome a cidade e não interessa a ele a vida cotidiana do município de Praia Grande. O que ele consome, na realidade, é um discurso sobre o município turístico com um claro distanciamento em relação ao valor de uso do território. Pois, como Lefebvre (1994, p. 146) argumenta "O consumo da cultura de massa e o turismo se contentam com o discurso sobre o discurso: com a metalinguagem". Em decorrência disso, o turismo de massa consome o discurso sobre um dado lugar, distanciando-se do valor de uso que está imbricado neste mesmo lugar.

Quando alheia ao pensamento crítico, a vida cotidiana pode ser percebida com certa normalização de como as coisas são dadas na realidade (LEFEBVRE, 1994). Através do levantamento de informações sobre a percepção de mudanças e impactos durante o período de alta temporada em relação à infraestrutura urbana, mobilidade urbana, consumo de serviços e lazer, violência e poluição, entendemos que elas são sentidas pelos sujeitos da cotidianidade, ainda que haja o esforço das instituições que mascaram as imbricações da responsabilidade dos setores da esfera pública e privada.

Segundo o levantamento, a maioria dos entrevistados consideraram a relação do turista para e com a cidade e moradores locais como negativa, mas também pontuaram a ineficiência de infraestrutura do município para abranger todo o contingente de população que buscam o município para a prática do turismo.

Enquanto o turista foge de seu próprio cotidiano, ele esbarra em vidas cotidianas. Este encontro, portanto, envolve diferentes escalas e escopos de análise, seja no âmbito

econômico, afinal, o turismo é essencial tanto para a economia do município, quanto para as relações sociais vividas ali, seja na interação nos espaços de lazer e eventos ou na utilização de serviços (privado ou público).

Considerações Finais

A proposta deste trabalho foi levantar caminhos para a discussão acerca do impacto da atividade turística na vida cotidiana dos residentes de Praia Grande, baseando-se nos aspectos discutidos a partir da ideia de que o turismo foi gerado no âmbito da sociedade capitalista e industrial, evidenciada pelo caráter contraditório. Compreender, assim, o turismo como uma forma organizada e “uma prática social e atividade econômica cuja principal característica é colocar em movimento pessoas” (Cruz, 2007, p. 27 apud Marulo et. al, 2016, p. 131) foi elementar para atingir o objetivo da análise integrada dos aspectos sociais conflitantes no tempo e no espaço do estudo de caso.

O ponto de partida com base nos estudos de Henri Lefebvre acerca da vida cotidiana, compreendendo esta para além das superficialidades do processo de repetição, ou seja, considerando a cotidianidade como parte do processo de reprodução das relações sociais e de exploração, em que os atos sociais e atuação das instituições e organizações ocorrem paralelamente em diferentes esferas, possibilitou a análise crítica não somente da vida cotidiana, mas também em relação para e com o turismo de massa no município de Praia Grande.

A pesquisa foi satisfatória, na medida em que entendemos que há uma disparidade entre o valor de uso turístico e valor de uso da vida cotidiana de um determinado lugar, pois o consumo do espaço pelo turismo é sua finalidade. Enquanto há uma relação mercadológica entre o turista e o lugar turístico, baseada na efemeridade principalmente, há uma relação permanente do residente com o lugar, construída a partir do hábito e identidade.

Assim, as entrevistas com as próprias pessoas que vivem esse cotidiano foram fundamentais para obtenção das informações perante a este conflito evidenciado. Durante períodos de alta temporada, no qual a população do município chega a triplicar, os embates entre as formas de uso do espaço são materializados nas diversas esferas que envolvem a vida cotidiana, como foi percebido pelos próprios moradores locais, quando revelaram, por exemplo, que há um aumento no fluxo de pessoas em relação ao uso de transporte público, no trabalho destas pessoas e também na superlotação de estabelecimentos comerciais.

Podemos concluir também que a depender da localidade que o residente mora e a classe social a qual pertence, os impactos gerados pelo turismo de massa neste município são sentidos de maneira desigual, pois a vida cotidiana é ampla e sentida de forma diferenciada.

O papel do planejamento público no processo de urbanização da cidade, aliado aos interesses do mercado imobiliário e consequente especulação imobiliária, revelou, portanto,

os esforços para a produção de espaços voltados aos turistas, isto é, ampliação e melhoria de infraestrutura urbana de áreas que são utilizadas por este setor, como na orla da praia onde há concentração das colônias de férias, juntamente aos empreendimentos imobiliários verticais voltados à segunda residência. A título de exemplo, mais da metade dos domicílios de Praia Grande são domicílios permanentes de uso ocasional, e a maior parte dos domicílios particulares permanentes são do tipo “casa”. Enquanto isso, a população local acaba por ocupar áreas cada vez mais distantes da orla da praia.

Ainda sobre a valorização de determinados espaços, a imagem da praia como entendemos hoje foi culturalmente construída ao longo da história. Este processo, aliado à cultura de veraneio, faz com que cidades litorâneas sejam os destinos mais procurados para os turistas passarem suas férias de verão, feriados e finais de semana.

Dito isto, para pesquisas posteriores, um caminho que pode enriquecer ainda mais a análise, seria estudar o turismo e os lugares turísticos sob a ótica dos próprios turistas, por exemplo, a partir do desenvolvimento de um trabalho de campo a fim de entrevistar as pessoas que realizam esta prática, algo que, em meio a pandemia, não pode ser feito infelizmente.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, C. M. **Uso e ocupação do solo na zona costeira do Estado de São Paulo:** uma análise ambiental / Cintia Maria Afonso. – São Paulo: Annablume: FAPESP, 1999.
- AGÊNCIA METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA. **Plano Metropolitano de Desenvolvimento Estratégico (2014-2030).** São Paulo: Agem, 2014.
- ALBUQUERQUE, S. S. de. **Turismo de eventos: a importância dos eventos para o desenvolvimento do turismo.** 2004. 75 f. Monografia (Especialização em Gestão e Marketing do Turismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2004.
- ALMEIDA, Emily; GORZIZA, Amanda; BUONO, Renata. Praia Grande teve mais movimento no ano-novo que no carnaval pré-pandemia. **Revista Piauí**, São Paulo, 12 jan. 2021. Disponível em <<https://piaui.folha.uol.com.br/praiagrande-teve-mais-movimento-no-ano-novo-que-no-carnaval-pre-pandemia/>>. Acesso em: 25 Abr. 2021.
- AMBRÓZIO, J. **Viagem, turismo, vilegiatura.** GEOUSP Espaço e Tempo (Online), [S. l.], v. 9, n. 1, p. 105-113, 2005.
- BRANCO, P. M. C.; MAGALHÃES, L. H. **Turismo de massa: uma construção do capitalismo.** Revista Terra e Cultura. Ano 21, Nº 41, 2005.
- BUENO, E. **Brasil: uma história.** 2ª edição. São Paulo. Ática. 2003. p. 28.
- CABIANCA, M. A. de A.; SOUZA, L. H. de. **A Cultura de Veraneio e a produção do espaço da Região Metropolitana da Baixada Santista.** Turismo & Sociedade, Curitiba, v. 10, n. 1, p. 1-22, 2017.
- CANZI, I; TEIXEIRA, M. M. **A Produção do espaço jurídico-político da cidade: Uma abordagem a partir da teoria de Henri Lefebvre.** Revista de Direito da Cidade. Rio de Janeiro, vol. 9, nº 4, p. 1815-1833, 2017.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Os caminhos da geografia humana no Brasil.** Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: AGB-seção São Paulo, n. 71, p. 129-142, 1993.
- CHRISTOVÃO, J. O. **A gênese do turismo em Cabo Frio, ou de como o sol se sobrepõe ao sal.** in: História do turismo no Brasil / Celso Castro, Valeria Lima Guimarães e Aline Montenegro Magalhães (organizadores). – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- CORBIN, Alain. **O território do vazio – a praia e o imaginário ocidental.** São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- CORIOLANO, L. N., & FERNANDES, L. M. **Migração temporária e mobilidade sazonal no turismo.** In: SEMINÁRIO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO - ANPTUR, 9., 2012, São Paulo. Anais... São Paulo: Universidade do Anhembi Morumbi/UAM, 2012.
- CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Introdução à geografia do turismo / Rita de Cássia da Cruz.** 2. Ed. São Paulo: Roca, 2003.

DAMIANI, A. L. **O lugar e a produção do cotidiano.** in CARLOS, A.F.A. (org.) Novos caminhos da geografia. São Paulo: Contexto, 1999.

ENKE, Rebecca. G. **O Cenário do Vazio: a inserção do lazer no espaço litorâneo europeu.** História e suas Interfaces. Rio Grande, Vol. 8, N.1: 169-188, 2017.

FREIRE-MEDEIROS, B; CASTRO, C. Destino: Cidade Maravilhosa in: **História do turismo no Brasil** / Celso Castro, Valeria Lima Guimarães e Aline Montenegro Magalhães (organizadores). – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

HALL C. Michael, LEW Alan A. **Understanding and Managing Tourism Impacts: An integrated approach.** London: Routledge, 2009.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

KNAFOU, R.; STOCK, M. "Tourisme". in: **Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés** / Lévy Jacques et Lussault Michel, Paris, Belin, 2003. p. 931-934.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço.** Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início – fev, 2006.

_____. **A vida cotidiana no mundo moderno.** Trad. de Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.

Litoral de SP pode receber até 640 mil veículos no fim de ano. **G1 Santos**, Santos, 30 dez. 2020. Disponível em [>](https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2020/12/30/litoral-de-sp-pode-receber-ate-640-mil-veiculos-no-fim-de-ano.ghtml). Acesso em 30 Jun. 2020.

MACHADO, H. C. F. **A construção social da praia.** Sociedade e Cultura 1, Cadernos do Noroeste, Série Antropologia, Vol. 13, 2000.

MAGALHÃES, L. H. **Panorama histórico do turismo: Do mundo moderno à contemporaneidade,** 2016.

MARTINS, José de Souza. **Uma Sociologia da vida cotidiana:** ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre / José de Souza Martins. – São Paulo: Contexto 2020.

MARULO, A.; OLIVEIRA, E.; BATISTA, J. "Turismo, geografia e a obra de Rita de Cássia Ariza da Cruz". Revista de Turismo Contemporâneo, v. 4, 15 abr. 2016.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política;** Tradução e Introdução de Florestan Fernandes - 2.ed - São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MENDES, Denise; GLEZER, Raquel. **A calçada do Lorena: o caminho de tropeiros para o comércio do açúcar paulista.** 1994. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **Os usos culturais da cultura.** Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: Turismo : espaço, paisagem e cultura[S.l: s.n.], 1996.

MÜLLER, D.; HALLAL, D. R.; RAMOS, M. G. G.; GARCIA, T. E. M. **O Despertar do Turismo no Brasil: a década de 1970.** In: International Conference on Tourism & Management Studies – Algarve, Book of Proceedings, 2011, v. I, p. 692-700, 2011.

PERROTTA, I. **A construção dos atrativos turísticos do Rio de Janeiro a partir de seus primeiros guias para viajantes.** in: História do turismo no Brasil / Celso Castro, Valeria Lima Guimarães e Aline Montenegro Magalhães (organizadores). – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

RODRIGUES, Gilberto de Oliveira. **Fascismo e turismo:** reflexões sobre a relação entre turismo sindical e colônia de férias. 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/D.8.2018.tde-30102018-134533. Acesso em 08 Mar 2021.

SABINO, André Luiz. **Turismo e expansão de domicílios particulares de uso ocasional no litoral sudeste do Brasil.** 2012. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.8.2013.tde-25042013-130244. Acesso em 07 Mar. 2021.

SANTOS, A.R. **A grande barreira da Serra do Mar.** Da trilha dos Tupiniquins à Rodovia dos Imigrantes. São Paulo: O Nome da Rosa, 2004. 122p.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço: técnica e tempo. Razão e emoção.** São Paulo: EDUSP, 2006.

SCHMID, C. **A teoria da produção do espaço de henri lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional.** GEOUSP Espaço e Tempo (Online), [S. l.], v. 16, n. 3, p. 89-109, 2012.

Sindicato das Empresas de Compra Venda, Imóveis de São Paulo. **Estudo do Mercado Imobiliário da Baixada Santista.** São Paulo, Secovi-SP.

Sistema Anchieta-Imigrantes registra congestionamento na descida ao litoral paulista. **G1 Santos**, Santos, 29 dez. 2018. Disponível em [>https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2018/12/29/sistema-anchieta-imigrantes-registra-congestionamento-na-descida-ao-litoral-paulista.ghtml](https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2018/12/29/sistema-anchieta-imigrantes-registra-congestionamento-na-descida-ao-litoral-paulista.ghtml).>Acesso em 30. Jun. 2021.

SOUZA, Tissiana Almeida; CUNHA, Cenira Maria Lupinacci. **Análise dos atributos físico-ambientais do município de Praia Grande-SP.** Soc. nat., Uberlândia , v. 24, n. 2, p. 303-318, Aug. 2012 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198245132012000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 Mar. 2021.

UNITED NATIONS. **International Recommendations for Tourism Statistics.** New York: U.N., 2008.

APÊNDICE A – Questionário da pesquisa

21/04/2021

Questionário para levantamento de informações sobre turismo no município de Praia Grande - SP

Questionário para levantamento de informações sobre turismo no município de Praia Grande - SP

Questionário elaborado para compreender as mudanças no dia-a-dia dos moradores locais durante o período de alta temporada de PG. Este levantamento será extremamente importante para a realização da pesquisa acadêmica que tem como foco analisar o impacto do turismo na vida cotidiana dos habitantes da cidade. PS: O QUESTIONÁRIO É ANÔNIMO!

***Obrigatório**

1. Qual bairro você reside? *

2. Qual o seu gênero? *

Marcar apenas uma oval.

- Masculino
- Feminino
- Outro

3. Qual a sua faixa etária? *

Marcar apenas uma oval.

- Até 17 anos
- De 18 a 24 anos
- De 25 a 35 anos
- De 36 a 50 anos
- A partir de 51 anos

Infraestrutura Urbana

21/04/2021

Questionário para levantamento de informações sobre turismo no município de Praia Grande - SP

4. Durante a alta temporada, há alguma mudança no fornecimento de algum dos serviços listados abaixo?

Marcar apenas uma oval por linha.

	Nulo	Muito pouco	Pouco	Moderado	Alto	Muito alto
Abastecimento/Fornecimento de água (Racionamento/Falta de água)	<input type="radio"/>					
Fornecimento de energia elétrica (Oscilações/Queda de energia)	<input type="radio"/>					
Serviços de comunicação (Internet e Telefone - Oscilações de conexão/Queda na velocidade do serviço)	<input type="radio"/>					

Mobilidade Urbana

5. Em relação à mobilidade urbana durante o período de alta temporada, o que você percebe sobre o aumento de:

Marcar apenas uma oval por linha.

	nulo	muito pouco	pouco	moderado	alto	muito alto
Tráfego de carros particulares	<input type="radio"/>					
Tráfego de pessoas	<input type="radio"/>					
Fluxo de pessoas no transporte público	<input type="radio"/>					

21/04/2021

Questionário para levantamento de informações sobre turismo no município de Praia Grande - SP

6. Durante o período de alta temporada, você evita utilizar algum dos tipos de transporte listados abaixo?

Marcar apenas uma oval por linha.

	Sim, com frequência	Ocasionalmente	Não	Não utilize
Transporte público	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Transporte particular (Carro)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Transporte particular privado (Táxi/Uber/99)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

7. Durante o período de alta temporada, você opta por utilizar serviços de transporte particular privado (Táxi/Uber/99)? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim, com frequência
- Ocasionalmente
- Não

Serviços e Lazer

21/04/2021

Questionário para levantamento de informações sobre turismo no município de Praia Grande - SP

8. Durante a alta temporada, qual é o nível de impacto do fluxo de pessoas que você percebe na utilização dos serviços de comércio e lazer listados abaixo? *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Nulo	Muito Pouco	Pouco	Moderado	Alto	Muito Alto
Supermercados e Padarias	<input type="radio"/>					
Lanchonetes/Restaurantes/Bares	<input type="radio"/>					
Litoral Plaza Shopping	<input type="radio"/>					
Agências Bancárias	<input type="radio"/>					
Praias	<input type="radio"/>					
Praças	<input type="radio"/>					

9. Você evita utilizar algum desses serviços durante o período de alta temporada? *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Sim, com frequência	Ocasionalmente	Não	Não frequento
Supermercados e Padarias	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Lanchonetes/Restaurantes/Bares	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Litoral Plaza Shopping	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Agências Bancárias	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Praias	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Praças	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

21/04/2021

Questionário para levantamento de informações sobre turismo no município de Praia Grande - SP

10. Durante o período de alta temporada, você opta por utilizar algum desses serviços em horários/dias da semana diferenciados do que tem costume? *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Sim, com frequência	Ocasionalmente	Não	Não frequento
Supermercados e Padarias	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Lanchonetes/Restaurantes/Bares	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Litoral Plaza Shopping	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Agências Bancárias	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Praias	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Praças	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

11. Você costuma frequentar o evento "Estação Verão Show" que a cidade promove durante o período de alta temporada? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim, com frequência
- Ocasionalmente
- Não

Poluição e resíduos sólidos

21/04/2021

Questionário para levantamento de informações sobre turismo no município de Praia Grande - SP

12. Durante a alta temporada, você percebe um aumento dos tipos de poluição listados abaixo? *

Marcar apenas uma oval por linha.

	nulo	muito pouco	pouco	moderado	alto	muito alto
Resíduos sólidos pelas ruas	<input type="radio"/>					
Resíduos sólidos pelas praias	<input type="radio"/>					
Poluição sonora (utilização de caixas de som/festas)	<input type="radio"/>					

Violência urbana

13. Você percebe um aumento na violência urbana na cidade durante o período de alta temporada? *

Marcar apenas uma oval.

0	1	2	3	4	5	
nulo	<input type="radio"/> muito alto					

21/04/2021

Questionário para levantamento de informações sobre turismo no município de Praia Grande - SP

14. Você evita frequentar algum dos espaços de lazer listados abaixo por conta do aumento da violência urbana? *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Sim, com frequência	Ocasionalmente	Não deixo de frequentar	Não frequento
Bares/Restaurantes/Lanchonetes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estação Verão Show	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Litoral Plaza Shopping	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Praias	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Praças	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

15. Por quais motivos listados abaixo você evita frequentar determinados espaços? *

Marque todas que se aplicam.

- Furto
- Arrastão
- Violência Policial
- Roubo
- Nenhum

Outro: _____

Emprego

16. Qual o impacto do turismo no período de alta temporada no seu trabalho? (0. nulo; 1. muito pouco; 2. pouco; 3. moderado; 4. alto; 5. muito alto) *Deixar em branco se não trabalha.

Marcar apenas uma oval.

0	1	2	3	4	5	
nulo	<input type="radio"/> muito alto					

21/04/2021

Questionário para levantamento de informações sobre turismo no município de Praia Grande - SP

17. Qual o tipo de impacto no seu trabalho durante o período de alta temporada? *

Marque todas que se aplicam.

- Aumento no fluxo de pessoas
- Aumento da demanda de trabalho
- Aumento da jornada de trabalho (plantão/horas extras)
- Nenhum
- Não trabalho

Outro: _____

Análise geral: turismo, turista e morador local

18. Qual o nível de importância que você considera para a contribuição do turismo para a economia da cidade? (0. nulo; 1. muito pouco; 2. pouco; 3. moderado; 4. alto; 5. muito alto) *

Marcar apenas uma oval.



19. Você considera que a cidade possui infraestrutura urbana suficiente para receber a quantidade de turistas que costuma receber durante a temporada de verão? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

21/04/2021

Questionário para levantamento de informações sobre turismo no município de Praia Grande - SP

20. Quanto aos turistas, de que forma você percebe a relação deles com: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Muito negativa	Negativa	Moderada	Positiva	Muito positiva
A cidade	<input type="radio"/>				
Os moradores locais	<input type="radio"/>				

21. De maneira geral, como você classificaria a sua satisfação quanto à cidade durante o período de alta temporada (verão), em questão de qualidade? *

Marcar apenas uma oval.

- Totalmente insatisfatório
 - Insatisfatório
 - Moderado/Normal
 - Satisfatório
 - Totalmente Satisfatório

22. Você gostaria de contribuir com alguma observação/comentário a respeito do período de alta temporada? Caixa aberta:

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários